a mulher sentada
guillaume apollinaire

A MULHER SENTADA

Título do original
LA FEMME ASSISE

Tradução de Luiza Neto Jorge

Capa de Soares Rocha

I

Nascida em Maisons-Laffite, Elvira Goulot tem um gosto especial pelos cavalos, que pinta notavelmente bem, e pela equitação. Embora já se lhe não apresentem muitas ocasiões de andar a cavalo, sonha com isso sempre que tem alguma contrariedade. Consola-se imaginando grandes cavalgadas.

Viu cavalos maravilhosos nas famosas estrebarias da sua cidade natal, mas os que lhe deixaram mais grata recordação foram os três cavalos atrelados à troika do seu amante, o grão-duque André Petrovich.

Alvos como a neve, eram os mais belos cavalos de toda a Rússia, avaliados em um milhão. As suas caudas pendentes quase varriam o chão. Corriam como o vento e o cocheiro que os guiava era o mais gordo cocheiro que dar se pode.

Elvira era, desde a infância, dotada de um espírito livre e de uma memória notável. Nunca foi crente, mas nunca deixou de ser supersticiosa. Os seus sonhos sempre se viraram para as coisas do amor. Sonhava, em menina, com alfinetes, estacas ou barreiras, o que, segundo o testemunho de uma certa escola, é significativo.

O seu primeiro amante foi um médico, homem casado, muito simpático e ao mesmo tempo muito debochado. Apanhou-a tinha ela quinze anos. Ele, trinta e seis. Encontrava-se ligeiramente doente e ele foi vê-la. Era um desses homens magros que, a par de todos os requintes do amor, corrom-

pem o espírito das mulheres, sem que saibam fazer-se amar sinceramente. A sua ligação principiou com um escândalo, pois a mãe de Elvira descobriu a marosca. O subornador foi perseguido, mas lá se livrou graças à deposição de Elvira, a qual afirmou, perante os juízes, que o acusado a não conhecera virgem. Este foi absolvido, pelo que lhe guardou um vivo reconhecimento.

Uma vez dado o primeiro passo, aí temos Elvira entregue à depravada educação desse tal Jorge, o médico, que, a par do gosto pelas mulheres, lhe inculcou tudo quanto de vício é possível saber-se.

Levou-a, no Inverno de 1913, a Monte-Carlo, e aí a deixou entregue a si mesma, pois se viu obrigado a regressar precipitadamente a Paris. Foi no Casino que o velho Replanoff, o primeiro advogado de Petrogrado, então São Petersburgo, reparou nela e a aconselhou a acompanhá-lo até à Rússia.

«Será feliz — dizia-lhe ele. — Fará as vezes de minha filha que morreu e com quem você se parece. Venha, que todos os seus desejos serão satisfeitos. Será como uma rainha. Tratá-la-ei como se fosse minha filha.»

E respeitosa, enquanto apaixonadamente, ia-lhe beijando a ponta dos dedos.

Replanoff partiu à frente e, como Jorge tardasse em voltar, Elvira decidiu-se a ir até à Rússia. Foi buscar o bilhete à Companhia dos Wagons-Lits; mas, de tão jovem que parecia ser e era, precisou de prévio consentimento de seu pai, a quem o velho Replanoff escreveu um carta, verdadeiro monumento de hipocrisia, pois, mal apanhou Elvira em Petrogrado, vendeu-a a uma súcia de debochados da qual fazia parte, e foi assim que ela se tornou a amante do grão-duque André Pétrovich. Passou sete meses na Rússia e, dessa estadia entre os moscovitas, falou-me ela, certa vez, assim desta maneira:

«O grão-duque, meu amante, tinha vinte e seis anos. Era extremamente belo. Nunca vi homem mais belo nem mais brutal. Gostava de mulheres e de mancebos. Era mais corrupto do que Jorge, na medida em que a crueldade se lhe

sobrepunha a todos os escrúpulos e o orgulho quase o tornava delirante. As mulheres, na sua maioria francesas, que eram amantes dos outros debochados, já nada tinham de novas nem de sedutoras. Pelo que me pareceu, tratava-se, única e simplesmente, de mulheres de negócios que se prestavam a tudo quanto uma imaginação extremamente depravada podia sugerir aos seus amantes. A mais bonita delas era uma russa. Era também a mais lasciva, e os seus gostos concordavam com os dos homens que nos rodeavam. Tinha uma incalculável capacidade de deglutição, quer de comida quer de bebida, e nunca conheci uma mulher que fosse capaz de beber tanto champanhe como ela.

«Recordo-me de uma orgia em casa do general Breziansko; havia cerca de cinquenta convivas, entre os quais dois grão-duques, e, mal os criados foram mandados retirar, essa jovem russa, uma vez em estado de pura natureza e qual bacante frenética e desvairada, meteu-se debaixo da mesa e deu, àqueles que lhe agradavam, mulheres ou homens, oportunidade de manifestarem as mais vivas sensações, de modo a desencadear a alegria da assistência.

«A mim, porém, horrorizava-me essa vida que não deixava lugar para o repouso, para a ternura, para o afecto. Se não fosse ter arranjado uma amiga, uma dançarina de restaurante, francesa de vinte e oito anos, não teria ficado nem um mês sequer na Rússia. Era a amante secreta do velho general Breziansko, o qual mergulhara numa devoção senil, desmedida e ao mesmo tempo imprecisa, confundindo, como bem lhe convinha, o que os Evangelhos dizem a propósito da ressurreição da carne e o que eles contam acerca da Flagelação.»

A morena Georgette, tão terna para com Elvira, que era uma verruma, transformava-se num autêntico demónio quando se tratava de açoitar a velha pele do general Breziansko e punha, no desempenho dessa tarefa, um cuidado tanto mais minucioso quanto, de todas as vezes que os seus esforços eram bem sucedidos, recebia uma quantia equivalente a vinte e cinco mil francos na nossa moeda; isso, porém, só rara-

mente acontecia, sem que, contudo, aquele velho burro do Breziansko se mostrasse menos generoso e Georgette menos contente com a sua situação.

Já o mesmo não acontecia com Elvira, que emagrecia e suportava impaciente os agravos que o seu orgulho sofria por parte do amante e de seus amigos. O que mais a irritava era o facto de não haver um só jantar fora que não findasse em horrível zaragata, em que os chefes de mesa, geralmente franceses, eram tratados de um modo que revoltava Elvira, a qual tentava consolar-se com o amor de Georgette, ao mesmo tempo que desenhava flores, bacorinhos e cavalos que em seguida enluminava e lhe serviam de papel de carta, o que fazia a admiração do velho Replanoff que, quando às vezes a vinha ver, exclamava:

«Parece a minha filha a pintar! Já to disse, Elvira: é um verdadeiro milagre, esta tua parecença com ela. É por isso que eu sempre tenho velado por ti como um pai e te introduzi no meio da melhor sociedade russa!»

Até que um dia Elvira escapa-se, com o coração um tanto opreso por ter que deixar os seus belos aposentos da Pentelemonskaia. Mas já não podia mais e emagrecera imenso. Georgette era a única que estava ao corrente da fuga. Na fronteira, nova encrenca. Não a queriam deixar passar, por o seu passaporte se não encontrar em regra. Por sorte, avistou, no cais, um oficial que havia conhecido em Petrogrado. Este aplanou todas as dificuldades e, ao desembarcar na gare du Nord, Elvira apenas tinha saudades de uns estranhos e nostálgicos cantos ouvidos na Rússia já não sabia onde, nalgum restaurante, ou talvez no campo, e dos três cavalos alvos como a neve, velozes como o vento, que o mais gordo de todos os cocheiros que havia na Rússia conduzia sempre de braços estendidos.

Jorge recebeu-a como se se tratasse do filho pródigo e, por intermédio de um amigo seu, proporcionou-lhe o ensejo de se estrear num 'music-hall', onde ela ganhou o hábito de usar monóculo. Ali conheceu uma pequena figurante, Mavise Baudarelle, cujos pais eram negociantes de vinho no boulevard Montparnasse [1] e em casa dos quais ela se hospedou. Mavise Baudarelle fez a sua felicidade até ao dia em que um jovem pintor russo de boas famílias, Nicolau Varinoff, a subtraiu à família Baudarelle.

Nicolau Varinoff partilhava os ócios entre sua irmã, a princesa Teleschkine, e a sua amante Elvira, em cuja companhia se instalou num 'atelier' da rua Maison-Dieu. Enquanto Nicolau se encontrava com a irmã, Elvira pintava com delicada fantasia e com verdadeiro prazer umas ramagens exuberantes entremeadas de margaridas de negras pétalas, e assim decorria essa vida animada pela arte, pelo amor, pelos bailes em Bullier e pelo cinema, até ao momento em que foi declarada a guerra.

Recordamo-nos perfeitamente de que o ano de 1914 principiou no meio de louca alegria. Tal como no tempo de Gavarni, essa época foi dominada pelo Carnaval. A dança estava na moda, por toda a parte se dançava, por toda a parte havia bailes de máscaras. A moda feminina prestava-se tão bem ao 'travesti', que as mulheres disfarçavam os cabelos com cores vistosas e delicadas, as quais faziam lembrar as das fontes luminosas que, na exposição de 1889, era eu ainda criança, tanto me espantaram. Podiam evocar também a luz estelar e assim, nesse ano, as parisienses mais à moda mereciam o cognome de Berenices, visto que as suas cabeleiras bem podiam figurar entre as constelações.

Como era natural, os bailes da Ópera haviam ressuscitado. E a graça brejeira com que abriu o primeiro desses bailes, no qual cada mulher recebia uma caixa fechada à chave, ao mesmo tempo que cada homem recebia uma chave e se encarregava de descobrir a fechadura para essa mesma chave, parecia de excelente augúrio para a satisfação geral. E talvez mais tarde, quando o tango, o maxixe, a furlana fi-

---

[1] A designação edilitária é «boulevard du Montparnasse».

zeram esquecer a guerra e as suas «bombas fúnebres», seja lícito dizer desse pacífico ano de 1914 o mesmo que na célebre litografia de Gavarni: «Muito lhe será perdoado porque ela muito dançou.»

Faltava, aliás, aos disfarces vestimentares de 1914, um artista como Gavarni, que tantos deles desenhou e inventou, sem nada copiar de quem quer que fosse.

Em 1914, não havia nenhum tipo característico do nosso tempo, como, por exemplo, os Moços de Fretes, os Dominós, as Pierrettes, os Cocheiros, as Bailadeiras, os Catitas, que um poeta depressa transformaria em personagens comparáveis às máscaras da Comédia italiana, figuras essas dignas de uma maior atenção.

Para criar novas máscaras, teria que surgir um novo Gavarni.

A sua obra-prima foi o «Débardeur» [1], que se trata sobretudo de um 'travesti' feminino deliciosamente equívoco, cujo carácter ele deixou suficientemente sublinhado com a seguinte legenda a propósito de um «débardeur» feminino namoriscando uma Pierrette, a qual exclama: «Atreva-se, singular masculino!», e que por si só talvez resuma a fantasia insolente de todo o século XIX.

Teria sido também necessário, como nova diversão da época, inventar um novo cancan, dado que o antigo fora, por obra da **Goulue,** de **Rayon d'Or,** de **Grille d'Égout,** de **Valentin le Désossé,** bem como pela devoção de grandes pintores tais como Toulouse Lautrec e Seurat, elevado à categoria das danças **hieráticas.**

Teria também sido necessário, como nova diversão da do tempo de Gavarni, esse novo cancan cujas diferenças em relação ao solene cancan do Moulin Rouge são bem visíveis se compararmos, por exemplo, o quadro de Seurat, **Le Chahut,**

---

[1] Algo como o nosso **moço de fretes.**

com o monólogo muito mais antigo intitulado «De Jules Choux» que começa assim:

La chahutte et la cancaska,
Dont j'connais les poses intimes,
Avec redowe et mazurka
M'font faire bien des victimes (bis) [1]

1914. Ano de bailes e de mascaradas, não deixava ele de apresentar uma terna, ainda que leviana, gravidade; nunca se dança tanto como durante as revoluções e as guerras, e que singular poeta terá sido esse que inventou o profético lugar comum: dançar como que sobre um vulcão?

O tipo mais característico desta época de bailes e bailados russos foi incontestavelmente Elvira, que estou a ver em Bullier, com os seus cabelos roxos, as suas peles brancas e o seu monóculo; chamavam-lhe «La Vrille» [2] e sem dúvida essa indumentária: cabeleira roxa, monóculo e peles brancas haveria, no ano seguinte, de generalizar-se, se não tivesse surgido a guerra. É possível que chegasse a aparecer algum Gavarni e assim teríamos tido, no baile da Ópera, umas deliciosas «Vrilles», parecidas com os encantadores «Débardeurs» dos tempos de Gavarni.

Nicolau Varinoff levava-a de vez em quando, juntamente com Mavise, aos bailes «musette»: ao dos Gravilliers, onde os músicos tocavam num varandim; ao Baile de la Jeunesse, na rua Saint-Martin, cujo patrão possuía uma bela colecção de lingams, com que presenteava os clientes; ao de Outubro, na rua Sainte-Geneviève, o qual, em 1914, pertencia ao Sr. Vachier; ao Petit Balcon, num beco próximo da Bastilha; ao baile da rua des Carmes; ao La Fauvette, na

---

[1] Do esfreganço e da cancãsca / conheço as poses íntimas / mais da redowa e mazurka / com que faço muitas vítimas.

[2] «A Verruma».

rua de Vanves, e ao Boulodrome de Montmartre, um sítio encantador, com uma música, a meu ver, mais divertida do que a do Sr. Strauss.

A guerra assassinou todos estes «lugares de encontro da boa gente», nos quais Elvira não pode hoje pensar sem sentir uma suave melancolia.

Rebentou, pois, a guerra, quebrando como se fosse vidro esta vida adorável e leviana.

Nicolau Varinoff ficou extremamente impressionado com tão imprevisto acontecimento e, poucos dias depois do Marne, declarou a Elvira, que se roçava por ele como uma gata, que o tempo do amor sofrera interrupção, e que as ocupações que esse mesmo amor, especialmente durante a noite, acarreta, só seriam, quanto a ele, retomadas, uma vez findas as hostilidades. Como Elvira apenas dispensasse à guerra um interesse muito relativo, essa decisão afigurou-se-lhe incoerente e, no firmamento da sua ligação, principiou o desdém a elevar-se como uma lua de Abril.

II

Doce poesia! a mais bela das artes! Nunca as decepções conseguiram vencer o amor que desde a mais tenra infância te consagrei, a ti que em nós acendes o poder criador e nos aproximas da divindade! A própria guerra só conseguiu aumentar o poder que a poesia sobre mim exerce e é graças a uma e a outra que o céu doravante se confunde com a minha cabeça estrelada. Doce poesia! lamento que estes incertos tempos me não permitam entregar-me à tua inspiração no tocante à matéria deste livro, mas a guerra continua. Tenho, antes de para lá voltar, de acabar esta obra e a prosa é o que melhor se coaduna com a minha pressa.

Mas porque havemos, só por estarmos em guerra, de representar sempre e apenas a guerra e as misérias ou os ócios do soldado, ou então o miraculoso quadro das Raças vindas de todos os cantos do universo, mobilizadas aqui na nossa Frente, ou ainda a triste marcha através das trincheiras?

É contudo impossível deixar de recordar esta guerra inveterada. Não podemos eximirmo-nos a isso. Sempre que penso haver escapado a essa obsessão, ela acomete-me, num crescente enleio. Recordo-me, antes de mais, da instabilidade de uma vida de soldado. Hoje está aqui; logo à noite talvez se prepare à pressa para partir. Esta incerteza é sobretudo privilégio do soldado de infantaria. Conheci a vida do arti-

lheiro e mais tarde a do soldado de infantaria. A instabilidade da segunda é mais surpreendente. Ouvi o soldado de infantaria ser apelidado de «O Desconfiado». Por mais corajosos que sejam, e Deus sabe que o são em extremo grau, eles sempre desconfiam, pois o menos que se lhes pode pedir é o sacrifício da vida. Mas eu fiquei com a nostalgia dessa vida vagabunda e regrada. Recordo-me de aldeias encantadoras que escaparam à destruição, percorridas a passo cadenciado, e de três raparigas à porta de uma granja de telhado escalavrado, transformada em mercearia.

Hoje, Paris solicita-me. Aqui está Montparnasse que, para os pintores e para os poetas, passou a ser o que, aqui há uns quinze anos, era para eles Montmartre: o reduto da mais bela e livre simplicidade.

O bairro de Montparnasse é, no testemunho do habitante dos bairros circundantes, um bairro de doidivanas. O facto é que Montparnasse veio tomar a vez de Montmartre, o Montmartre de outrora, o dos artistas, dos cançonetistas, dos moinhos, dos cabarés, e inclusive dos haxixófagos, dos primeiros opiómanos, dos sempiternos eterómanos, e dos cocainómanos ou visionários, como lhes chamam hoje, em que a «coca» ainda faz os seus estragos; de todos aqueles (entre os montmartrinos da grande arte) que ainda eram vivos e que a pândega expulsava do velho Montmartre destruído pelos proprietários e transformado pelos arquitectos, conspurcado pelos futuristas parisienses, que aliás, emigraram todos, sob a forma de cubistas, de Peles-Vermelhas, de poetas órficos. As suas vozes tonitroantes vieram perturbar os ecos do 'carrefour' de la Grande Chaumière. Em frente de um café estabelecido numa casa de licenciosa memória, desde a guerra que eles haviam criado um temível concorrente, o café La Rotonde. Do lado de lá, ficavam os Boches. O La Rotonde era sempre frequentado por eslavos. Os judeus continuavam a ir, indiferentemente, quer a um quer a outro.

Em todas as ruas das redondezas, as casas de artigos de pintura oferecem a sua multicolor tentação a todos esses que

uma rápida vista de olhos pelas exposições de vanguarda leva a exclamarem: "Anch'io son pittore."

Tratemos de esboçar, antes de mais, a fisionomia do Carrefour que muito possivelmente não tardará a mudar. Numa das esquinas do boulevard du Montparnasse, uma grande mercearia apresenta à vista de toda uma série de artistas internacionais o seu enigmático nome: Hazard [1]. Vende as mais variadas mercadorias e tem toda a espécie de fregueses. Ali encontrava o Americano, antes de guerra, as pamplemossas a que ele chama 'grapes-fruits' e que estão para o limão como a melancia está para o cantalupo; o Russo, as suas maçãs do paraíso semelhantes a ginjas; o Húngaro, a sua charcuteria apimentada de vermelhão, etc. Ali, na outra esquina, fica a Rotonde; um Índio com o seu trajo de gala de coiro e plumas; pintor e modelo, atraía, em 1914, as atenções. Por vezes, mesmo, o perfil esguio de Charles Morice recortava-se demoradamente, lá dentro, contra a parede do fundo.

Na esquina do boulevard du Montparnasse com a rua Delambre, fica o Dôme: tinha, antes da guerra, a sua clientela habitual, gente rica, estéticos do Massachussets ou das margens da Sprée, e ainda hoje é o Pascin ou o Clincheel contemporâneo; ali se decidia da admiração professada na Alemanha por este ou aquele pintor francês. As glórias de Géricault, de Courbet, de Seurat, do Douanier não tiveram que suportar as conversas de estética dos Boches milionários do Dôme.

Outra esquina: Baty ou o último val-do-rio. Quando ele se aposentar, essa profissão desaparecerá praticamente de Paris, a menos que a guerra e a carestia da vida não a façam ficar de novo em voga. Restará a «tasquinha», como hoje se diz, mas o grande val-do-rio terá acabado. Até lá, aqueles a quem as doenças, ou melhor, os médicos, ainda não con-

---

[1] Pronuncia-se como 'hasard' = acaso. **(N. da T.)**

seguiram fazer renunciar por completo aos vinhos franceses, festejam a seu belo-prazer essa adega tão bem cuidada.

Mais adiante, à direita, no boulevard Raspail, o cafezinho des Vigourelles abrigava, em 1914, nos dias em que se não dançava em Bullier, uma juventude petulante; e lá era também costume ver-se um indivíduo de ar severo. Declarava ele com simplicidade a quem quisesse ouvi-lo: «Sou o homem mais chato deste bairro, pois também chateio os conselheiros municipais.» Chamavam-lhe o Leão. Tanta gente tinha ele já chateado, que daí conseguira usufruir benefícios. Com efeito, a maior parte dos cafés e «bistros» do bairro preferia dar-lhe algum dinheiro a servi-lo. Bastava apresentar-se em tais sítios, para logo lhe darem, consoante a importância da casa, um, dois, ou mesmo três francos e meio. Todas as manhãs esse homem de génio dava a sua voltinha pelo bairro e isso bastava-lhe para viver: chateava toda a gente e não devia nada a ninguém. Nesse tal cafezinho de província, o café des Vigourelles, apareciam de vez em quando os Senhores de Segonzac, Luc-Albert Moreau, André Derain, Edouard Férat, René Dalize e uma enigmática personagem a quem chamavam o Finlandês, mas que, suponho eu, era um Limosino, mesmo de Limoges. O distinto proprietário da casa tinha adquirido uma popularidade de bom augúrio ao declarar em público, num belo rasgo de eloquência:

«Embora dono de café, meus senhores, aprecio imenso as artes; ao domingo, quando não vou ao cinema, vou ao Louvre.»

Quase em frente ficava a loja do Sr. Cocula que, por um singular fenómeno de mimetismo onomástico, acabou, como o seu quase homónimo inglês, o Sr. Cook, por se ocupar de viagens; os Ingleses têm a agência Cook e os Franceses o comboio Cocula.

Nas ruas circunvizinhas do cemitério de Montparnasse, onde o busto do Sr. de Max guarda o túmulo de Baudelaire, ainda em 1916 se podiam ver as moradas dos antigos e mais célebres habitantes de Montmartre; muitos deles, entre os

quais Picasso, moravam na célebre casa do 13 da rua Ravignan, hoje praça Emile-Goudeau.

Tornemos a descer a rua de la Grande Chaumière, a rua das academias de desenho onde, outrora ainda, o único Patagão de Paris, o Araucaniano Ortiz de Zarate, passeava proclamando ter descoberto a verdade. Havia ainda um famoso pequeno restaurante de modelos, que fechou com a guerra, o **Chez Papa;** era explorado por um antigo Garibaldino que temperava as suas massas tão bem como nas **osterie** romanas. Era um sítio delicioso, que, a tê-lo conhecido, o Sr. Anatole France decerto frequentaria. Podia-se ali deparar com gente simpática, entre ela os Srs. Paul Morisse, André Billy e Paul Léautaud.

Se bem que possua uma tonalidade diferente da do antigo Montmartre, o Montparnasse contemporâneo nem por isso deixa de mostrar, e isso mesmo em tempo de guerra, uma certa alegria, simplicidade e espírito de tolerância. Os fatos à americana dos artistas de hoje não são nem menos largos nem de um veludo diferente do dos pinta-monos de antigamente; são largos de outra maneira, é o que é, e a sandália, ao fim e ao cabo, não é menos germânica do que a horrorosa botina de elástico de outrora. Aposto, sem contudo o desejar, que em breve, isto é, finda a guerra, Montparnasse terá os seus clubes nocturnos e os seus cançonetistas, como hoje tem os seus pintores e os seus poetas. No dia em que um Bruant tiver cantado os vários recantos deste bairro cheio de fantasia, as «Crèmeries», a caserna-atelier da rua Campagne--Première, a extraordinária Crèmerie-Grill-Room do Boulevard du Montparnasse, o restaurante chinês que acaba de fechar, as terças-feiras da Closerie des Lilas, mortas desde que veio a guerra, nesse dia Montparnasse terá uma vida própria. A Agência Cook desembarcará ali as suas excursões e o comboio Cocula emigrará para qualquer outro bairro, levando consigo os pintores, os Chineses, os Patagões, os Índios Comanches, os Limosino-Finlandeses, os Vigourelles e talvez até o homem mais chato de todo o bairro, rumo a um outro destino,

a um outro bairro, a uma outra colina, a um outro monte, certamente o das Buttes-Chaumont.

Montparnasse deu origem, em tempo de guerra, a uma ideia tocante e requintada, a da boneca-modelo, merecedora do sucesso que tem.

Uma das minhas primeiras impressões ao regressar, ferido, a Paris, foi ter surpreendido, ao telefone do hospital onde estava a ser tratado, este pedaço de frase: «...a admirável indústria das bonecas».

Quem assim falava? não sei, nem interessa: «Sempre é forçar a nota! — pensava eu — Ocuparem-se com bonecas nos tempos que correm!»

A minha opinião veio a modificar-se muito a esse respeito. A boneca de Paris que apresentava a moda à Europa inteira não estaria a fazer imenso pelo prestígio da França?

Alguns artistas de Montparnasse, mulheres, naturalmente, tiveram a ideia de fazer bonecas-modelo, encantadora ideia que já produziu obras muito agradáveis.

Se a moda continua, as nossas sobrinhas-netas virão a ter umas curiosas galerias de antepassados.

Representar-se-á **Hernâni** no quarto dos brinquedos.

Pois não temos aqui a avó com a sua farda da Cruz Vermelha? A avó como ela era em 1916, uma rapariguinha! A seu lado, o tio-avô à tenente de caçadores, condecorado com a cruz de guerra... As crianças de hoje não poderão esquecer-se, como se esqueceram as que vieram depois de 70. Convém, pois, multiplicar as recordações e as bonecas-modelo, que são recordações quase vivas.

Mas deixemos as recordações, pois lá virá o tempo delas. A guerra continua. Nicolau Varinoff tornou-se macambúzio e preocupado. Vai partir para a guerra como voluntário numa ambulância rutena. Já tem pronto o seu fato meio militar, meio desportivo.

A primeira vez que vestiu essa farpela, foi com Elvira até à Coupole, no boulevard Raspail, ponto de encontro de pintores, de modelos e de literatos. Na esplanada encontrava-se Egon d'Almanfeiner, filho de um famoso romancista

austríaco que inventou o vício singular de ser constantemente vítima de acções judiciais. A sua história inscreve-se na psicopatia sexual e não me alongarei mais sobre este caso, nem sobre o de seu filho que, ao que parece, deve a sua licença de residência aos favores que, há uns vinte anos atrás, sua mãe dispensou ao chefe de um dos partidos da oposição.

Prefiro traçar o perfil de Moisés Deléchelle que, em companhia de Pablo Canouris, o pintor das mãos azul celeste, deitava as cartas a duas jovens Romenas, alunas de uma academia de desenho do bairro. Moisés Deléchelle é um indivíduo cor de cinza cujo corpo parece ser, todo ele, musical. Bate na barriga para imitar os sons profundos do violoncelo; dos pés extrai as roucas ressonâncias da matraca; a pele tendida das suas faces é um címbalo tão sonoro quanto o das ciganas de restaurante, e os dentes, nos quais bate com uma caneta, soltam os sons cristalinos das orquestras de paulitos com que tocam alguns artistas de 'music-hall', ou que são o esmero de alguns grandes órgãos mecânicos, nos carrocéis de feira.

Elvira e Nicolau sentaram-se à mesa deles e Moisés Deléchelle embaralhou as cartas. Não tardou que as Romenas fossem até à sua academia de desenho e ainda elas não haviam desaparecido, já o seu lugar era tomado por Anatólio de Saintariste, poeta e oficial, ferido no braço, e que pela primeira vez, desde o começo da guerra, vinha à Coupole na companhia da sua nova amiga, a linda Corail, ruiva de olhos cor de avelã, que de aparência tanto lembrava uma gota de sangue sobre uma espada.

Daí a pouco já a conversa ganhava vivacidade, até se acabar por falar em poligamia.

«Parece que os Boches a autorizaram — disse Pablo Canouris — e nós certamente seremos levados a imitá-los.»

E acrescentou, depois de voltar a acender o cachimbo: «Para tener berdaderamente una mulher es preciso la tener raptado, la fechar à chabe e ocupar-la noche e dia. Si es dificil ocupar una mulher, qué fará bárias. A poligamia es una teoria boa para los cachimbos, mas no para las mulheres.»

Pablo Canouris, o pintor das mãos azuis, tem olhos de pássaro. De origem albanesa, nasceu em Espanha, em Málaga, mas a sua arte e o seu cérebro, impregnados dessa força realista que caracteriza as produções e o espírito da península ibérica, conservaram aquela pureza e aquela verdade helénicas que lhe vêm dos seus antepassados, pois, segundo testemunham todos aqueles que se ocuparam desse assunto, desde os historiadores bizantinos e Comines até Thomas de Quincey, para já não citar escritores contemporâneos, os pretensos Helenos são Albaneses, e, pitoresco milagre de Toledo, o próprio Greco ressuscitava agora em Pablo Canouris, o pintor das mãos azul-celeste; não que Canouris imitasse o Greco, mas o lado misterioso do seu génio confinava com aquela violência angélica que deliciosamente angustia os amadores de Théocopouli.

Não há escola, depois do Romantismo, que tanto tivesse convulsionado o mundo, como a nova escola de pintura na qual tiveram papel de relevo apenas artistas saídos da civilização mediterrânica, artistas pertencentes a uma raça latina. Esse sucesso é causa da resistência oposta, em certos meios oficiais, à arte de um Canouris, de um Picasso, de um Braque, de um Derain, e que irá tornar-se ainda mais violenta do que já era. No intuito de combaterem a arte moderna, os filósofos armazenaram, pelos vistos, «um arsenal de sofismas», como dizia o meu antigo amigo Delormel. Mas que podem os filósofos contra as formas e a matéria que são o objecto e o sujeito dos melhores de entre os pintores de hoje? Que a nova pintura é diferente da de ontem, é evidente; que não concorde com a tradição da arte maior, é algo que eu desafio quem quer que seja a demonstrar. E que isso faça correr à arte o mínimo perigo, é coisa que eu não creio. Os estudos radiosos, surpreendentes e austeros dos novos pintores são profundamente realistas. Esta arte não afasta do estudo da natureza aqueles que a ela se consagram, preocupados em fixar, em combinar todas as possibilidades estéticas.

Excesso de novidade? Quem sabe? Repito que isso não é perigoso para a arte, mas tão somente para os artistas medíocres. Esses, por mais que façam, continuarão medíocres, que importa, ao fim e ao cabo, que para além disso, se mostrem absurdos?

O carácter de Canouris era, pois, uma simbiose de Espanha e de Albânia. De aspecto, ele era como são os Albaneses, entre os quais se contam homens belos, nobres e corajosos, mas com uma propensão para o suicídio que nos levaria a recear pela sua raça, se as suas qualidades genésicas não compensassem o tédio de viver. O que em Canouris havia de espanhol não lhe tirara o gosto pela morte voluntária e assim conservava pelas mulheres um gosto espanhol fortemente albanizado.

Aprendi a conhecer Canouris durante uma estadia em Bruxelas, que me deixou inesquecíveis e muito precisas impressões sobre um sangue que, a par do Escocês, talvez seja o mais antigo da Europa.

Pablo Canouris, que ali viveu, vindo directamente de Málaga e antes de conhecer Paris, tinha por amiga uma Inglesa que o fazia sofrer como só sabem penar por amor aqueles que pertencem à élite da humanidade.

Essa rapariga cuja beleza era insolente ao ponto de não haver homem que a não amasse loucamente, enganava o meu amigo com quem a tal se dispusesse, e queiram perdoar-me, até eu próprio levei imenso tempo a deliberar entre a amizade e o desejo.

Impudica, de uma forma que não pode deixar de causar admiração a quem os maus tratos da vida tornou vesgo da alma e zarolho do coração, Maud passava o tempo todo despida, nos aposentos do meu amigo. E mal este saía entrava o deboche na sua morada.

E essa rapariga, essa tal Maud, faria parte da humanidade?

Não falava nenhuma língua, mas um dialecto híbrido, uma mistura de inglês, de francês, de expressões belgas e germânicas.

Um filólogo tê-la-ia adorado, um gramático, não obstante a sua beleza, não poderia deixar de a detestar.

Inglesa era-o por parte do pai, cruel oficial, condenado à morte na Índia, por sevícias contra os indígenas. Mas sua mãe era maltesa.

Certo dia, disse-me o meu amigo:

— Tenho que libertar-me. Amanhã mato-me.

Conhecia por demais a costela albanesa de Pablo Canouris para saber que se não tratava de palavras vãs.

Matar-se-ia, uma vez que o afirmara.

Não o deixei mais e, no dia seguinte, graças à minha presença, à minha amizade, Pablo Canouris não se matou.

Ele próprio encontrou remédio para o seu mal.

— Esta mulher — disse-me ele — não és minha mulher. Amo-a, és berdade, mas com un amor que una esposa destruiria em mim.

— Não estou a perceber! — exclamei. — Explique-se.

Ele sorriu e continuou:

— As raças dos Balcãs e dos montes que marginam o Adriático praticavam outrora o rapto, costumbre esse que sobrebibe em bárias localidades. Solo nos pertence realmente a mulher qué sé raptou, aquela qué sé domou. Sem rapto no há casamento feliz. Fiz a corte a Maud. Mas foi ela qué mé caçou. Ela és libre e eu quiero reconquistar a minha liberdad.

— E como será isso? — perguntei, espantado.

— Pelo rapto! — disse ele, com uma calma e uma nobreza que se me impuseram.

Nos dias que se seguiram andámos de viagem, eu e Pablo Canouris.

Levou-me até à Holanda e durante alguns dias mostrou-se apreensivo.

Eu respeitava a sua dor e, sem mais pensar em raptos, louvava-o em silêncio por tentar, pela ausência, esquecer essa Maud que o punha febril a pontos de ansiar pela morte.

Uma manhã, em Amsterdão, no meio da Kalverstraat, apontou-me Canouris uma jovem que, empunhando um rolo de música, caminhava ao lado da governanta.

Um lacaio, envergando uma libré de bom gosto, caminhava uns dez passos atrás das duas mulheres.

A jovem teria os seus dezassete anos. Duas tranças caíam-lhe pelas costas.

Filha de patrícios amsterdenses, tinha o ar jovial que, na Holanda, apenas têm os da Atenas batávia.

— Acompanhe-me — disse-me de repente Canouris.

Desatou a correr, ultrapassou o lacaio e, uma vez alcançada a jovem, passou-lhe um braço à roda da cintura e correu ainda mais, com ela ao colo.

Corri, cheio de inquietação, na peugada do meu amigo. Nem pensei em olhar para trás, mas decerto que o lacaio e a governanta, interditos, haviam ficado literalmente de cabeça perdida, pois nem sequer gritavam ó da guarda!

Chegámos à estação.

A jovem, fascinada com a máscula presença do seu raptor, sorria deslumbrada, em toda a acepção do termo, e, quando nos vimos na carruagem de um comboio com destino a Rosendael, à fronteira, Pablo Canouris, o pintor das mãos azuladas, beijava até ao desfalecimento a mais submissa das noivas.

Noiva essa que morreu daí a dois meses. E desta vez é que eu julguei não ser capaz de adiar o suicídio do meu amigo.

Consegui, contudo, trazê-lo até Paris, onde se fixou, e muito tempo me levaria descrever em pormenor os seus amores na capital. Direi apenas que, na data em questão, havia quinze dias que ele se encontrava sozinho.

«Parto amanhã para a Guerra — disse Nicolau Varinoff para Pablo Canouris — e peço-te que leves esta noite a Elvira ao cinema; é sexta-feira, muda o espectáculo. Ela não se consolará de perder um só que seja. Pela minha parte, tenho imensas compras a fazer e janto em família, com a minha irmã.»

E daí a pouco levantava-se, com ar preocupado, pensando na guerra. Despediu-se de Elvira, cujo coração se confrangeu ao ver o amante afastar-se sem uma só vez se virar para trás.

Foi nesta altura que um sargento, sobre o qual corria o boato de ser Alemão e de se chamar Waxheimer, mas que con-

seguira fazer-se tomar por alsaciano na legião estrangeira, onde se alistara com o nome de Ovídio du Pont-Euxin, se aproximou. Estava convalescente de um ferimento.

E ao ver Elvira eis que lhe grita: «Não me contou, um dia, que a sua avó era mórmone?»

«Contei, sim — respondeu Elvira — e é decerto por isso que eu não sou ciumenta. O meu amante pode ter as amantes que lhe aprouver, não serei mais ciumenta do que o é, das suas várias amigas, uma mulher mórmone; inúmeras vezes ouvi contar a meus pais a fuga de minha avó Pamela. Mas quem me elucidou a respeito dela é uma espécie de rato de biblioteca, um Boche que foi secretário de Dreckeim, outro Boche que escreveu uma história do Mormonismo. Dreckeim esteve na capital dos Mórmons em 1895; em 1908 mandou até lá o velho Filnitz, que estava apaixonado por mim, em Petrogrado, onde servia vagamente de secretário a Replanoff. Como estava sempre a falar dos Mórmons, eu saí-lhe com essa da minha avó. Ficou espantado e acabou por encontrar, entre os seus papéis, uma cópia tirada por ele em Salt Lake City, da carta de um mórmone célebre. O tipo que, justamente, havia convertido a minha avó ao mormonismo e que ali se refere a ela. Esse tal Filnitz fez uma tradução da carta e deu-ma.»

«Pois bem! — disse o pseudo Ovide du Pont-Euxin. — Vim a encontrar, durante a guerra, um dos meus tios-avós que passa por Strasburguês, mas que é, muito possivelmente, um natural de Hesse que veio para França em 66; existe ainda um certo número desses patriotas de Hesse, e a França, mesmo em tempo de guerra, não inquietou esses guelfos. Voltando a esse meu tio-avô: já antes da guerra sabia da sua existência, mas nunca tinha ido visitá-lo. Durante a guerra, tem-se mostrado de uma grande amabilidade para comigo e é para sua casa que eu vou de licença. Esteve, ainda muito jovem, no Utah, com sua mãe que era viúva e se deixara levar até lá numa daquelas inúmeras excursões que trouxeram da Europa novos fiéis. Otto Mahner, o meu tio-avô, passou lá a sua infância e só regressou à terra natal com vinte e

cinco anos de idade, para se casar à moda europeia, mas, sempre que está comigo, não se cansa de me falar do mormonismo. Volta sempre ao mesmo, referindo-se-lhe como um meio de dar à França a população de que esta necessita para continuar a ser uma grande nação.»

«Mas — disse Elvira — a você parece-lhe útil haver muitas crianças?»

«Ora bolas! — disse Ovídio. — Se é útil? Mas dentro de cinquenta anos haverá cem milhões e Boches e sessenta milhões de Italianos! Para já não falar dos Espanhóis e das outras nações que confinam com a França, a qual, por este andar, nem sequer terá atingido, nessa altura, os seus quarenta e um milhões!»

«Era giro — disse Elvira — que o seu tio-avô tivesse conhecido a minha avó.»

«Ora justamente — respondeu Ovídio — justamente eu prometi-lhe que você lhe iria fazer uma visita; fica perto daqui, na rua Delambre, vou dar-lhe a morada.»

«Combinado — disse Elvira — pode contar comigo por volta das três da tarde. Levarei a carta. Data de 1851.»

«Maravilhoso! — exclamou Ovídio. — Creio bem que o meu tio estava lá nessa altura. Bom, até amanhã.»

E como eram horas de jantar, Pablo Canouris levou-a à «tasquinha» mais em moda ali no bairro.

No meio artístico deixou de se usar a palavra «bistro»; e há um ror de tempo que 'mastroquet' [1] deixou de existir, foi uma palavra que morreu com o simbolismo e o último a quem a ouvi foi a Rémy de Gourmont. Agora diz-se assim: «Vamos a tal sítio, é uma tasquinha onde se morfa beml»

E «bistro» será relegado para a arrecadação das palavras de época destinadas a tornarem-se poéticas, tais sejam 'paletot', 'cocotte', 'fiacre', 'victoria', 'teuf-teuf' [2], etc., etc... palavras essas com que os poetas que, dentro de cem

---

[1] Algo como a nossa «tendinha». **(N. da T.)**

[2] Paletó, 'cocotte' (= mundana, aventureira, usa-se frequentemente a expressão francesa), fiacre, vitória, «chora».

anos, queiram evocar os nossos tempos, hão-de rechear os seus poemas, como fez Verlaine que, nas suas **Fêtes Galantes,** empregou as palavras que se lhe afiguravam ser mais poeticamente evocadoras do século XVIII.

E, findo o jantar, durante a representação cinematográfica, Pablo Canouris, que contemplava esse espectáculo sem más ideias, sentiu, de súbito, uma mãozinha poisar nas suas mãos. Sentiu-se sacudido, de alto abaixo, por um misto de voluptuosidade e de h rror. Aos poucos, a sua mão foi apertando a mão de Elvira.

III

Nicolau Varinoff fora-se embora depois de ter beijado Elvira com ar distraído e ela retribuíra-lhe esse beijo com um ar mais distraído ainda. Ele pensava no comunicado, ela pensava no cinema.

Que coisa estranha essa, que uma rapariga do género de Elvira, que gostava das mulheres à maneira de um homem, tivesse tido por Nicolau Varinoff aquela atracção louca, que, embora ainda lhe não tivesse passado, abrandara um pouco, dado o clima de incerteza que se gerara com a guerra e também o facto de ele não parecer preocupar-se absolutamente nada com o amor. Pablo Canouris agradava-lhe, e como era natural de um país neutro, a sua sorte parecia menos incerta do que a de Nicolau. O seu crescente renome dava, além disso, à sua amizade, uma garantia de sucesso para um pintor que não deixava de ter talento e que passaria a contar-se entre os seus amigos. Elvira era pintora, mais do que ela própria supunha. Mas não pensava em Pablo Canouris nem nas mãos dadas de ambos. Recordava-se, sim, de certas cenas de cinema que a haviam embevecido e não esquecia a conversa que tivera com o falso Ovídio acerca do mormonismo.

Enquanto se preparava para ir à rua Delambre e procurava a cópia da carta que fazia referência a sua avó, ia pensando para consigo:

«Não sei porque é que, ao fim e ao cabo, não existe um mormonismo feminino, uma mulher com vários maridos. Devia ter piada. De resto, isso já existe, não com os maridos, mas com os amantes. Tenho que fazer o retrato de Anatólio de Saintariste fardado de tenente ao lado da sua amázia Corail. É uma pequena difícil de desenhar.»

E dali foi ao seu encontro, na rua Delambre. O velho habitante de Hosse que vivera entre os Mormons era um belo ancião, de espírito aberto e desanuviado. Acolheu Elvira com as seguintes palavras: «Pois decerto que conheci a sua avó, em 1851. Tinha eu então oito anos, cheguei a Great Salt Lake City em Agosto de 1851. Leia-me você mesma a carta, pois, mesmo com óculos, já não consigo decifrar as letras.»

E enquanto o pseudo Ovídio du Pont-Euxin arrancava as peles das unhas e o velho Otto Mahner abria a boca para melhor escutar e a fechava de vez em quando para sorver a sua pitada, Elvira desdobrou a cópia da carta que lhe fora oferecida em Petrogrado pelo velho Filnitz, e leu-a com lentidão própria de uma jovem que fora 'commère' nas Folies--Bergères.

Ao irmão Brigham Young, presidente da Igreja dos Santos-do-derradeiro-dia, governador do território de Utah

Great Salt Lake City (Estados Unidos da América)

Paris, 20 de Dezembro de 1851

Julgo ser eu, irmão Brigham Young, o primeiro a informar-vos sobre os trágicos acontecimentos que mergulharam a ferro e fogo a desditosa capital da França. No caso, todavia, de a notícia chegar antes da minha carta, esta vos tranquilizará sobre a minha sorte e a da missão.

Quando, obedecendo à vontade do conselho da Igreja, me despedi das minhas esposas e deixei Salt Lake City [1] a fim de dirigir os missionários encarregados de virem evangelizar a velha Europa, nenhum outro sítio me causou o espanto, misto de admiração e de horror, de que me senti tomado com a gigantesca cidade que substituiu Roma à face do mundo.

Paris oferece-nos uma singular mistura de grandeza e de miséria, feita para dar nas vistas a um cidadão dos Estados Unidos acostumado à agradável simplicidade das nossas cidades em formação, que, se pecam por ausência da sublime arquitectura dos palácios, monumentos e edifícios religiosos, pela grandiosa disposição de praças e jardins, pelas perspectivas, tratadas com delicado e arrojado gosto, dos passeios públicos, não apresentam, em contrapartida, a horrível sujidade dos arrabaldes parisienses, essas casas medonhas onde vivem, numa promiscuidade confrangedora e no meio de uma nauseabunda bicharia, os operários e os pequenos burgueses.

Nessas ruas estreitas e tortuosas, o cheiro a podre rivaliza com o fétido da urina que, conspurcando Paris inteira, estagna em poças, espuma nas valetas e alia--se ao fedor dos excrementos de homens e animais que a acompanham.

Em nenhum outro sítio da Europa lamentei, como em Paris, aquilo a que aí se chama a franca selvajaria das nossas terras.

As lazarentas fachadas, testemunhas de tão grande número de revoluções, mais parecem mulheres velhas, 'squaws' gastas pela vida e pelos maus tratos que os Peles-Vermelhas, esses desditosos restos do infeliz povo dos Lamanitas, dão a suas mulheres.

---

[1] Publico esta carta do Sr. Taylor e, juntamente, as curiosas anotações que a acompanham na tradução que Elvira possui e que esta me permitiu recopiar, com a autorização de a publicar.

Por outro lado, a natureza mostra-se aqui, bem como em toda a Europa, mais mesquinha do que na nossa pátria, em especial os rios, que são uns miseráveis ribeiros em comparação com o nosso Missouri, o Pai das Águas, ou de outros rios americanos.

Cheguei a Paris em Abril, vindo de Copenhague, onde tive a felicidade de conquistar grande número de prosélitos dinamarqueses que decerto já tivestes a alegria de acolher na nossa santa cidade.

Tendo visitado Paris já por várias vezes, sabia da dura vida que aí levava o irmão Curtis Bolton, especialmente encarregado da árdua tarefa de converter os Parisienses. Apesar dos mil e um obstáculos, ainda conseguiu quatrocentas conversões e devo dizer que foi mediocremente ajudado pelas circunstâncias.

Viveu durante sete anos numas águas-furtadas da rua de Tournon ([1]) e, não obstante os seus esforços, raramente ganhou mais do que dez francos por mês, o que o forçava a viver de pão seco e de água fresca.

Pensei que era tempo de ele descansar e, desde a minha chegada, encarreguei-me — pois conhecia suficientemente o francês — de aperfeiçoar a sua tradução do **Livro de Mórmon.**

Esta obra virá muito provavelmente a lume no decurso do próximo ano.

Mandei o irmão Curtis Bolton para Inglaterra, para junto dos da sua raça, que o acolheram condignamente e, pelas cartas entusiásticas que ele me envia, fiquei a saber que o seu apostolado dá azo a bailes — e vós bem sabeis como eles são agradáveis aos deuses — a

---

([1]) A América ainda não possuía então os seus arranha-céus; se fosse nos dias de hoje, o Sr. Taylor teria rejubilado com o pequeno número de andares que têm as casas de Paris. Quanto à rua de Tournon, conheço-a: fica bem situada e é habitada por gente de bem. (Nota recente e anónima de um leitor da Biblioteca de Salt Lake City e talvez do próprio conservador dos manuscritos.)

concertos, a excursões, a 'garden-parties' e aos mais deliciosos divertimentos.

Não esteve ele em Jersey com um grupo de donzelas prestes a tornarem-se nossas irmãs e também com alguns Santos? Pois durante essa viagem de recreio, foi um nunca acabar de prédicas, de cânticos e de uma contínua satisfação dos desejos da carne, segundo a lei humana e divina que exige a poligamia, segundo o exemplo dos patriarcas e do próprio Cristo que teve três esposas, como se pode ver pelos Evangelhos.

As férias do irmão Curtis Bolton chegaram ao fim e ele, cheio de zelo, prepara-se para regressar a Paris.

Mal o apóstolo regresse, eu deixarei a França para ir visitar as nossas missões em Itália.

Mas eis alguns pormenores sobre a minha estada aqui:

Uma vez chegado a Paris, alojei-me no n.º 37 da rua Paradis-Poissonnière, rua populosa e ao mesmo tempo tristonha que, à força de hábito, acabou por me agradar, embora continue a sentir-me incomodado com o ar mefítico do meu quarto, muito baixo, igual ao de grande número de casas parisienses.

Poderá o coração mais empedernido não sentir dó perante as desgraças por que a população desta capital tem passado? A rápida sucessão das revoluções e dos motins não tem permitido a este inditoso povo recompor-se das guerras e das matanças.

Por demais sabem os deuses que nós, os Santos-do-derradeiro-dia, já estamos familiarizados com as rebeliões. Uma delas custou a vida ao nosso profeta Joseph Smith e ao patriarca Hyrum, seu irmão, na prisão de Cartago. Eu próprio sofri aí graves ferimentos. Nauvoo, a Cidade Bela, que por nossas próprias mãos edificámos, foi-nos roubada pelos Gentios, tendo muitos dos nossos sofrido o martírio e o Templo sido reduzido a ruínas. Mas nada poderá dar uma ideia

do aspecto desolador com que se me deparou Paris, quando aqui cheguei em Abril. Os restos das barricadas, os estragos provocados pelos incêndios, a marca das revoluções e das guerras, os desmandos destes e daqueles, tudo isso me levou a pensar que as nossas chagas e as tribulações por que passámos em demanda dessa terra do Déseret que vós nos havíeis prometido, que acabámos por encontrar e a que vós pusestes o nome em memória de uma pequena abelha sobrenatural e segundo a palavra que vos foi revelada, tudo isso não passava de suave recriação e de piedosa bênção em comparação com as desgraças de toda a espécie que a sanha política e o amor mal compreendido da menos democrática das liberdades lançaram, em tão curto espaço de tempo, sobre a cabeça dos Franceses e muito especialmente sobre os Parisienses.

Julgava eu que tais desolações estavam prestes a acabar e, lançando-me com todo o ardor ao meu apostolado, em continuação do que já fora feito pelo irmão Curtis Bolton, consegui baptizar alguns Franceses no n.º 282 da rua Saint-Honoré. Para ir sustentando a minha prédica, fundei um jornal, a exemplo do Profeta Joseph Smith e de vós mesmo, que sois o nosso novo Profeta. Essa folha tem aparecido mensalmente a partir do mês de Maio: é **A Estrela do Déseret,** título que vós por certo aprovareis.

Como a polícia ainda não deixou de me incomodar, tal como incomodou, ou melhor, perseguiu, o nosso pobre irmão Curtis Bolton, resolvi nada tratar, nesse jornal, que se relacionasse com política. Um dos novos santos, o irmão Dupont, testemunha de um dos meus milagres, revelou-se ser de facto uma poeta assaz medíocre, mas a meia dúzia de cânticos franceses que compôs poderão servir, à falta de melhor. Ajudou o irmão Bolton na tradução do **Livro de Mórmon** e tem--me prestado serviço corrigindo as provas tipográficas.

Será necessário acrescentar que não tenho revelado aquele ponto da nossa doutrina que tão atraente a torna aos olhos dos mancebos? Refiro-me à poligamia.

O temperamento leviano e trocista do Francês levou-me a temer, logo desde o início do meu apostolado, que eles zombassem da nossa Igreja se acaso viessem a ter conhecimento da condição ritualmente patriarcal das nossas famílias.

Um dos autores tidos, neste país, como clássicos, o Sr. Molière, que há dois séculos compôs umas impagáveis bufonarias, escreveu, numa peça a que um destes dias assisti no Théâtre Français, uns versos que me indignaram, muito embora os ache extremamente divertidos e perfeitamente coadunáveis com o espectador parisiense, em quem provocam um riso imoderado, versos esses que seriam como que a expressão de uma sentença legal (ou ilegal 'ad libitum' para não esquecermos o nosso juiz Lynch, que é uma das manifestações personificadas da injustiça) para os nossos Gentios do Illinois, para os do Congresso de Washington e do exército dos Estados Unidos.

Eis os versos do Sr. Molière, de uma selvajaria digna de salteadores de estrada, de aventureiros, dos mais rudes criadores de gado do nosso selvagem Far-West:

A poligamia
É caso para forca.

Versos cruéis, desumanos, que parecem ter sido feitos na América expressamente em nossa intenção, mas cuja reminiscência teria bastado para nos perder para sempre aos olhos dos Franceses, que nessa altura passariam a tratar-nos como os debochados que eles próprios são.

Por outro lado, a poligamia existe aqui, de facto, e, como acabo de insinuar, sob a forma de deboche.

Embora o casamento continue a ser em França uma monogamia legal, transforma-se, na maior parte das vezes e por assim dizer às claras, numa verdadeira poligamia, não só do marido, como da esposa, mercê do adultério, que é, aqui nestes sítios, um acto grave e ao mesmo tempo risível, sucedendo, não raro, que o ridículo que ele acarreta se torne mortal.

Se, em suma, a poligamia já não é, neste país, **um caso de forca** a cargo da justiça, se os versos acima citados são profundamente bufões, mais do que verdadeiramente patibulares, nem por isso a lei francesa deixa menos de reprimir a poligamia quando esta é sancionada por um acto ritual ou legal e o meu desejo de evitar graves diferendos com a polícia deste país é conforme com aquele de que me sinto animado para triunfo da Igreja dos Santos-do-derradeiro-dia, pois que a expulsão dos apóstolos viria decerto a destruir o pequeno núcleo de crentes que o já constatado zelo do irmão Curtis Bolton (1) conseguiu reunir.

---

(1) O malogrado Sr. Dreckeim, o sábio berlinense que viveu durante cinco anos em Salt Lake City, em cuja Biblioteca esgaravatou os papéis deixados pelo malogrado presidente Brigham Young, tomou a liberdade de ir perguntar ao Sr. Taylor, então ainda vivo, porque é que, mesmo temendo que a polícia lhe abrisse a carta, nela se alongava tanto sobre a poligamia. Ao que o Sr. Taylor respondeu que o fizera de propósito para que a polícia julgasse que, do mesmo modo que se não tratava da pluralidade das mulheres em **A Estrela do Déseret**, também nos sermões se calavam tais referências. Acrescentou que, ao fim e ao cabo, as pessoas instruídas e os funcionários da polícia sabiam perfeitamente que, no Utah, os Mórmons eram polígamos. **(Anotado a lápis à margem da carta.)**

O Sr. Taylor manifesta, mais adiante, o seu receio por esse famoso gabinete negro onde, a ser verdade serem abertas todas as cartas, deveria haver imenso que fazer. **(Anotado a tinta por baixo da nota precedente, numa letra de mulher.)**

E, posto isto, passemos aos acontecimentos ocorridos nestes últimos dias; o grande número de pessoas que neles perderam a vida prova-me que a minha esteve mesmo por um fio.

O meu desejo de não me imiscuir na política e de não proferir apreciações que poderiam ser mal interpretadas no caso de a minha carta ser aberta, coisa que, segundo parece, a polícia pratica correntemente, impede-me de vos dar a conhecer as minhas ideias sobre a causa de tais acontecimentos, mas mesmo assim vou dizer-vo-la sem, contudo, formular qualquer juízo. Os motins e as revoluções com que eu, em Abril, vi Paris ainda conturbada, recrudesceram por ocasião de uma certa operação governamental a que se chamou Golpe de Estado. Basta-me acrescentar, à laia de explicação, que o presidente da República francesa, que é membro da família dos Bonaparte, pensa restabelecer em seu proveito a dignidade imperial. Estreou-se com uma manifestação de absolutismo que desagradou a um certo número de pessoas de todas as classes, na sua maioria operários.

Consoante os conselhos que me deram, não saí de casa nem a dois nem a três de Dezembro. Contudo, no dia quatro vi-me forçado a ir à nossa tipografia sita na rua Saint-Benoît, na margem esquerda do Sena e, embora de espírito aguerrido, não deixei de me surpreender com a brutalidade dos soldados. Fiz um desvio que me levou até à rua de la Paix, onde deparei com lanceiros, soldados de cavalaria que carregavam sobre uma multidão pacífica, formada de gente bastante bem vestida, de criadas e meninos da classe abastada.

Consegui abrigar-me e evitar que os cavalos me espezinhassem, mas, ao regressar da rua Saint-Benoît, caí na asneira de tomar um caminho que me pareceu mais curto do que o anteriormente seguido. Vagueei, assim, de barricada em barricada, e ser-me-ia, neste

momento, assaz difícil reconstituir o meu itinerário através de um dédalo de ruas transformadas pelas barricadas em improvisadas cidadelas.

A constituição moral das nações europeias é de tal modo diferente daquela que rege os Americanos, que eu não sei se vós podereis compreender os motivos das lutas intestinas que dividem os Franceses. Aqui, não há nada verdadeiramente democrático; a Igualdade inscrita na fachada dos edifícios públicos não é desejada por nenhuma classe da população ([1]).

Entre nós, tudo tem uma raiz popular: a religião, as artes, o poder e a riqueza. A nação americana é uma escada cujos degraus, todos iguais, apenas apresentam, ao observador, uma diferente elevação. Esta parábola pode aplicar-se tanto ao mundo espiritual como ao mundo material. De vez em quando vira-se a escada ao contrário e tudo continua na mesma.

Em França, em vez de uma única escada, existem várias para se ascender ao mesmo cume. Cada classe da população constitui aqui, para me exprimir de uma forma mais directa, um Estado dentro da nação, um Estado com a sua aristocracia, a sua burguesia e a sua plebe, e as artes estão organizadas dessa mesma maneira, não conhecendo essa unidade democrática que entre nós se pode admirar. As ciências e os ofícios encontram-se divididos segundo esse sistema. A arte bélica é encarada do mesmo modo. A própria ciência das fortificações encontrou, coisa inverosímil, a sua aplicação plebeia na barricada; enquanto os guerreiros

([1]) Embora observador, este missionário não conhecia bem a humanidade, pois não existe nenhuma classe de nenhuma nação que deseje a igualdade. A terminologia dos legisladores e dos políticos acha-se amiúde em contradição com as paixões humanas e com a natureza, as quais exigem a seguinte ordem: a cada qual segundo a sua força, o seu direito e as suas obras. **(Esta observação, escrita a lápis à margem da carta, teria aí sido inscrita pelo imperador do Brasil, D. Pedro, aquando da sua visita a Salt Lake City.)**

cultos honram o ensinamento dos engenheiros italianos do século XV e XVI e continuam a aplicar os seus conhecimentos no aperfeiçoamento das fortificações, o povo inventou a barricada, fortaleza improvisada e imprevista, feita de paralelepípedos, de traves, de tonéis, de autocarros tombados, de cestos e colchões. Essas muralhas chegam por vezes a atingir a altura de um segundo andar e já aconteceu aos defensores desses informes montões de destroços e de materiais díspares terem de enfrentar tropas regulares e de artilharia.

O povo é, entre nós, toda-a-gente: milionários, cultivadores, jornalistas, aventureiros e vendedores de gado; apenas se exceptuam os guardadores de rebanhos de carneiros, os negros e os índios: estes últimos são inimigos abençoados a quem nós suplantámos nas suas próprias terras, ao passo que os primeiros não fazem parte da Humanidade.

Aqui, o povo é constituído apenas pelos criminosos, pelos pobrezinhos, pelos operários, pelos estudantes, pelos actores, pelos artistas e pela gente de letras. E é por vezes acometido de umas cóleras terríveis, esse monstro vigoroso! O governo, na ocorrência, levou facilmente a palma, mas o sangue correu a jorros.

Não irei aqui pormenorizar todas as barricadas que me vi forçado a conhecer no dia quatro do corrente mês, quando pretendia voltar para casa. A topografia de Paris não vos é familiar e tais explicações nenhuma utilidade teriam. Bastará dizer que numa só via, denominada rua Rambuteau, que fui obrigado a seguir se bem que me afastasse de casa, cheguei a contar umas doze barricadas.

Mais adiante, em frente de uma grande barricada que barrava a rua Saint-Denis, por alturas da rua Guérin-Boisseau, fui apanhado por um indivíduo da polícia, «um bufo», segundo a terminologia popular. Não

me sentia muito descansado e, apesar da minha qualidade de Americano, que em vão tentava pôr em evidência, os amotinadores ter-me-iam fuzilado, se não fora a intervenção de um representante, ilustre como poeta, o Sr. Victor Hugo. Este interrogou-me e, depois de se ter informado longamente sobre as quedas do Niagara, as estacarias lacustres do México, sobre os usos e costumes e sobre o curso do Orenoco, mandou que me soltassem. E perante os amotinados que o ouviam com respeito, disse-me isto, textualmente: «Digno cidadão dos Estados Unidos da América, testemunhai, na vossa livre República, os esforços que os Parisienses, esse povo de Titãs, aqui envidam, com o fim de cimentarem a próxima fraternidade dos Estados Unidos da Europa.»

E com estas palavras se despediu de mim, após haver-me apertado ambas as mãos, posto o que me fecharam numa farmácia que os amotinados tinham transformado em fábrica de pólvora.

Pelo que me disse o Sr. Manin, presidente da República veneziana, por ocasião da visita que há cerca de três meses me fez e em que se mostrou curioso das coisas do mormonismo, esse tal Sr. Victor Hugo viveria, tanto quanto é possível, em Paris e sem provocar escândalo, segundo os princípios admitidos pela nossa Igreja, sobretudo no que se refere à poligamia.

Ao fim de algum tempo que me pareceu interminável, lá me deixaram ir. De barricada em barricada, por entre mortos e feridos, e mau grado os soldados cujos projécteis e baionetas procurava evitar, fui dar comigo, nem eu sei bem como, precisamente no 'boulevart' [1] onde havia a mais horrível carnificina.

Os soldados massacravam todos quantos apanhavam e os gritos de «Assassinos», «Abaixo Bonaparte»,

[1] Em francês no texto e com esta mesma ortografia antiquada.

«Viva a República», as ordens dos oficiais, as lamentações dos moribundos, o crepitar das balas, o estrondo do canhão, tudo isso misturado, formava uma música medonha. Acreditei como muito possível que tivesse soado a minha última hora, e pensei, antes de mais, em refugiar-me em qualquer loja, mas a maior parte delas estavam fechadas, e vendo eu, naquelas que se tinham conservado abertas, os cadáveres dos comerciantes, logo percebi que não havia refúgio que os soldados respeitassem. Não me atrevi a enfiar-me pelas ruas estreitas que iam dar a minha casa. Receava ir cair, mais uma vez, em qualquer outra barricada, o que me parecia tão perigoso como estar exposto à brutalidade dos soldados.

Eis que, nisto, começa a chover e a lama que rapidamente se formou era, em certos sítios, vermelha de sangue. Alguns transeuntes, isto é, amotinados que pretendiam chegar à sua barricada, estugavam o passo, ora curvados para escaparem aos projécteis, ora desafiando com gritos extremamente insolentes a força armada. Todavia não se detinham, pois pretendiam evitar a chegada dos soldados que, divididos em dois grupos, vinham em sentido contrário. Eu, por meu lado, certo de lhes não escapar, preparei-me para morrer. Nesse momento passou por mim, a rir, um grupo de rapazes e raparigas, vestidos com elegância. Ainda pensei em segui-los, pois pareciam importar-se pouco com o motim e crer-se, até, ao abrigo do perigo; mas, sempre a rir e a gracejar, esses debochados — pois outra coisa não eram senão isso — viraram-se para trás e afastaram-me à bengalada, dizendo:

«Segue lá o teu caminho, que nós não somos da tua igualha.»

E uma das raparigas que também se virara para trás agarrou numa garrafa vazia caída no chão, junto a um 'snako' e a um soldado morto, e atirou-ma com toda a força, gritando:

«Despacha-te, Pamela, e toma cuidado com esse socialista.»

Palavras não eram ditas e já a garrafa me atingia na fronte, aturdindo-me e ferindo-me por cima do sobrolho direito. Mas logo ouvi uma voz doce que me dizia:

«Pobre homem! está a sangrar!»

E eis junto a mim um roçagar de sedas, ao mesmo tempo que uma mão delicada estancava com um lenço perfumado o sangue da minha ferida.

Julguei, à primeira vista, que seria o anjo Moroni que se manifestava por sobre o campo de batalha e vinha salvar um dos fiéis de Joseph. Mas aqueles debochados sem coração que nesse dia de luto se precipitavam para um qualquer cabaré, o Rocher de Cancale ou outro qualquer, para festejarem e se regozijarem com as desgraças do povo, e gritavam ainda, ao afastarem-se:

«Pamela, despacha-te, olha que vêm aí os soldados!», fizeram-me compreender que não era o anjo Moroni que eu tinha a meu lado, mas tão-somente essa Pamela retardatária por quem os companheiros chamavam, embora já se não arriscassem, e isso mau grado todo o seu à vontade, a virem-na buscar ao perigoso sítio onde ela voluntariamente se encontrava a fim de me socorrer. Os batalhões aí vinham, a correr, em passo ritmado, e o barulho cadenciado dos seus pés ia-se aproximando, sinistro como uma dança macabra.

O anjo Pamela pouca importância dava a isso, enquanto que eu pensava que iria morrer na companhia dela. Esse fim romanesco ainda me entusiasmou por instantes e lembrei-me de gritar, quando as baionetas me atingissem, um «Viva à República» que destinado, na minha boca, a glorificar legitimamente os nossos Estados Unidos, decerto pareceria (gracejo mortuário esse que a mim me parecia excelente), aos

soldados que prestes seriam os meus carrascos, uma apologia 'in extremis' do regime popular contra o qual eles combatiam.

Mas a mão que me limpara o rosto agarrou-me pelo pulso e arrastou-me, e eu apenas via, confusamente, as fardas dos militares e o angélico vulto da mulher que me havia socorrido; segurava agora, na mão esquerda, o lenço manchado com o meu sangue e esse pano fez-me lembrar Cristo e Santa Verónica. Este edificante pensamento ocupou-me durante todo o tempo que levámos a atravessar o 'boulevart' (1) e a atingir, mesmo a tempo de não sermos presa dos soldados, uma rua adjacente.

Acabais de ver, irmão Brigham, o modo como eu escapei, miraculosamente, por assim dizer, ao disciplinado furor dos militares, e agora peço-vos me desculpeis a digressão que se segue acerca das mulheres francesas.

Poder-se-á dizer delas o mesmo que eu já vos escrevi a respeito dos padres católicos. Valem mais do que os de outra qualquer religião e, a não ser na nossa Igreja, em nenhum outro sítio se nos depara tão grande número de Santos. Nada de espantar, uma vez que o catolicismo é a verdadeira religião que sucedeu ao mosaísmo e que foi a detentora da verdade até ao momento da aparição do anjo Moroni a Joseph Smith. Não raro me têm encantado as verdades que os padres católicos se esforçam por propagar com uma coragem e uma boa fé inexprimíveis.

O mesmo se passa com as mulheres: as daqui são excelentes sob vários pontos de vista: saúde, trabalho, coragem, graça, gosto, bom senso e bom humor, e aquelas que se afastam desse recato que convém

---

(1) Em francês no texto.

ao belo sexo a isso são levadas mais pelos vícios das instituições do que por sua própria natureza.

Em nenhum outro sítio seria a poligamia tão útil como aqui, em que se perdeu por completo a noção do casamento. A liberdade no amor surge, a muitos dos socialistas, como um direito incontestável, e a poliandria é admitida pelo próprio Fourier, não só adentro do casamento como no celibato, mediante a instituição eminentemente imoral do bailadeirismo.

A poligamia representa a saúde, tanto para o homem como para a mulher, suprime a prostituição, as desgraças e doenças que esta acarreta; acresce a majestade do homem, satisfazendo-lhe o gosto inato pela dominação. Esta constituição patriarcal conviria perfeitamente a este país, que regeneraria, resolvendo-lhe, muito possivelmente, a questão social, suprimindo estas lutas intestinas, estas ideologias malsãs que empobrecem os corpos e as almas. Em vez disso, o adultério, dando origem a uma poligamia clandestina, e a prostituição, tornando o acto carnal uma coisa vergonhosa, destroem a felicidade que dá a procriação, levam os homens a cometerem loucuras, lançam à superfície da terra desgraçadas crianças sem família, sem destino, votadas ao desprezo por causa da sua ilegitimidade.

A mulher que me levara atrás de si, obrigou-me a correr durante largo tempo. Parámos, finalmente, diante de uma casa e, tendo-me pedido a minha salvadora que subisse, penetrei num elegante apartamento, onde aquela que tão graciosamente ali me introduzira, me disse:

«Meu pai e meu irmão são operários e batem-se contra a tirania. Foi por isso que o meu coração se emocionou ao ver-vos ferido por aquela grande cobarde da Berta. Resolvi imediatamente salvar-vos. O senhor não é comediante?

Dei então a conhecer a essa criatura a minha qualidade de Americano e de missionário mórmon e ela pareceu vivamente interessada, dizendo:

«Eu fui filha de Maria... nos meus bons tempos.»

Percebi então que aquela jovem vivia na perdição e que sonhava, saudosa, com os seus anos de inocência. E logo pensei que ela daria uma excelente mórmone e que, havendo raras Francesas no meio dos Santos, vós decerto não levaríeis a mal o ter entre vós um espécime feminino da engenhosa raça dos Franceses a que a civilização em todos os domínios tanto deve. Doutrinei essa «moça» e passei a ir todos os dias até ao bairro Bréda, onde ela mora. Mostrei-lhe que a esperava a felicidade em Great Salt Lake City, que nós possuíamos a verdadeira doutrina, que lhe caberia um marido simpático, que as Mórmones eram instruídas e bem educadas, que gostávamos de bailes, de música e de representações teatrais, que, lá em Salt Lake City, se esforçavam por seguir a moda de Paris e que, como parisiense, o seu gosto fá-la-ia suplantar todas as nossas irmãs. Enfim, quer fosse pelo casamento, quer pelos pormenores sobre o nosso luxo, o certo é que a Sr.ª Pamela me ouviu, arrepesa e pensativa. Vim a saber que pedira conselho à sua porteira e que esta se opusera vivamente ao meu projecto. Outras amigas de Pamela dissuadiram-na de me dar ouvidos, mas ela teve o bom senso de pedir o parecer de seu pai, operário muito escutado nos arrabaldes e menos conhecido pelo seu nome, Monsenergues, do que pela alcunha de O Parisiense dito o Coroa-de-Amores. Esse honrado homem foi a casa da filha e exortou-a à virtude. Deplorava a fraqueza que mostrara em não ter imolado a filha no dia em que esta, levada pelo amor do prazer e do luxo, se esquivara à autoridade paterna para passar a viver na perdição.

Ouvi, com lágrimas nos olhos, esse homem rude e sensível cujas mãos calosas tinham gestos de carícia.

Ao saber dos meus conselhos, exaltou-se, falou com admiração da América por aquilo que dela conhecia, do "Champ d'Asile", dos generais à Cincinnatus. Incitou a filha a seguir os meus conselhos. Após haver deplorado os acontecimentos políticos que acabavam de se verificar e nos quais participara, exprimiu-me a sua indignação por a tirania haver proscrito um homem a quem votava grande estima, chamado Agricol Perdiguier, dito O Avinhonense Virtuoso.

Este encontro decidiu Pamela Monsenergues a fazer as malas, a vender ou a dar tudo o que pudesse tornar-se incómodo na viagem e no nosso país e, assim, tenho o prazer de vos anunciar que essa donzela se decidiu a juntar-se a um grupo de santas que dentro em pouco partirá para a América, conduzido pelo irmão Lorenzo Snow. Consta esse grupo de algumas inglesas, dinamarquesas, norueguesas, de uma francesa e de uma família suíça inteira. O irmão Lorenzo Snow, que leva consigo uma nova esposa para o seu lar de Salt Lake City, decidiu-se a acompanhar a caravana.

Lamento não poder enviar-vos mais francesas. Mas vós decerto vos contentareis com essa manada de éguas que até vós encaminho, e os potentes toiros dos nossos estábulos sagrados fecundá-las-ão com delícia a fim de aumentarem, no meio da paz e da felicidade, o precioso domínio que os deuses confiaram à guarda do irmão Brigham, nosso profeta.

E para terminar esta carta, devo anunciar-vos que um pastor anglicano acaba de dar à estampa um livro onde implicitamente se esforça por apresentar um desmentido às verdades étnicas que constituem o fundo da nossa religião e que, já antes deste século, foram proclamadas pelos escritores católicos detentores de toda a verdade até à aparição do anjo Moroni a Joseph. Durante a viagem que fez à Ásia, encontrando-se esse pastor entre os Nestorianos, pretende ter reconhecido neles os representantes das dez tribus de Israel cujos vestígios históricos se haviam perdido até ao dia em que o livro de Mórmon veio provar que, tendo emigrado para a América, apenas restava, hoje em dia, uma pequena parcela de uma das nações delas nascida, precisamente a pior, a dos Lamanitas, judeus a quem Deus castigou, mas que nem por isso deixam de ser os últimos representantes do seu povo, ou seja, a raça vermelha que nós respeitamos. Eivada de má fé, essa obra nem sequer faz alusão às nossas verdades e a sua publicação deu-me uma nova oportunidade de reconhecer a infernal ignorância e a maldade insolente dessas seitas que a iniquidade criou à superfície da terra. Os sacerdotes católicos, muito pelo contrário, conheceram a verdade mediante a revelação, e isso ainda antes da revelação total das placas feita a Joseph Smith, que muito venerava o catolicismo. Os católicos vivem com dignidade e desinteresse e são cheios de santidade. Eram os guardiões da verdade e a nossa Igreja mais não é, em relação ao catolicismo, do que uma continuação moderna e adaptada às novas revelações.

Invoco a vossa solicitude sobre o meu lar e peço-vos, consoante uma revelação que tive, que não hesiteis em arranjar-me um substituto junto das minhas esposas se, durante a minha ausência, tal for necessário.

Imbuído do maior respeito, sou o vosso

Irmão John Taylor, o mártir.

Elvira deteve-se e os seus olhos interrogavam o pseudo Pont-Euxin que fazia sangrar os dedos arrancando as peles

à roda das unhas, e o velho Mahner, que lhe disse: «Lembro-me perfeitamente do mártir John Taylor, de Lorenzo Snow e de sua avó Pamela. Se tem tempo, evocarei aqui a sua história. Ninguém mais, a não ser eu, poderá fazê-lo.

«Eu, nesse tempo, era uma criança, mas as crianças viviam numa promiscuidade rica de liberdade. Éramos observadores, mas não inocentes. Minha mãe, que morreu por lá, era uma das onze mulheres de Robin Furmesneare mas não é a história de minha mãe que você espera ouvir, é a da sua avó. Pois então preste ouvidos. Se se sentir fatigada, diga-mo, pois não irei ser breve, feliz que me sinto de poder alongar-me sobre um assunto tão singular e do qual raramente tenho oportunidade de falar.»

«Fica assente — disse Elvira — conte-me tudo quanto sabe acerca da minha avó. Acho que ela devia parecer-se comigo.»

«Assim é — replicou o velho Otto depois de a ter olhado com atenção — só que ela tinha um ar amimado e insolente, ao passo que você tem sobretudo um ar fechado.»

«Gosto tanto dela! — exclamou Elvira. — E que felicidade a sua de viver numa época tão cheia de imprevistos!»

«Não pode queixar-se! — disse baixinho o sargento que adoptara o nome de Ovídio. — Não pode queixar-se! No que toca a imprevisto, parece-me bem servida: a Rússia, os grandes-duques, a pintura e a guerra! Ainda quer mais?»

«Não é a mesma coisa — observou Elvira. — Por mais espantosa que pareça, nem por isso a minha vida é menos terra-a-terra.»

«Sempre é muito exigente! — concluiu o Pont-Euxin. — Não sabe saborear a vida.»

E virou-se para o ancião, incitando-o a principiar a narrativa.

IV

«Era no Utah — disse o velho Otto Mahner — no largo situado no centro da Grande Cidade do lago Salgado, por volta das três da tarde. A caravana parecera, à primeira vista, a fumarada de um tiroteio, mas acabou por se condensar em inúmeros pontos negros. Nascido no horizonte, de onde serpenteava como uma procissão de formigas, o cortejo depressa crescera; junto aos furgões cobertos de oleado das carroças, e aos peões, mulheres e homens, carregados de fardos, surgiram os vultos de alguns cavaleiros armados, e ouviu-se o clamor das gentes, o chiar das rodas, o relincho dos cavalos.

«Depois, por grupos, sucedendo-se sem ordem, a espaços, peões, cavaleiros e atrelados entraram na capital dos Santos-do-derradeiro-dia.

«Ao cabo de uma travessia de cinco meses, em que não viram outra terra senão o escuro rochedo do cabo Horn, um grupo de emigrantes havia desembarcado na Califórnia para vir juntar-se aos sectários polígamos da América. Tiveram que fazer a penosa viagem através do grande deserto de sal e todos, mulheres e homens, apeados dos cavalos, saídos dos furgões, olhavam, sentados no chão, para a cidade construída em anfiteatro na encosta dos montes Wasatch, cujas neves eternas se coloriam delicadamente de um suave rosa e de um verde esmaecido. Aqueles viajantes cobertos de

pó, aquelas moças inquietas e emagrecidas esperavam impacientes pelo regresso do apóstolo, Lorenzo Snow, que fora ter com o Profeta, e a fadiga impunha-lhes o silêncio.

«Ruas largas saíam da praça e, a espaços regulares, casas quadradas de madeira desenhavam-se no meio dos vergéis cheios de damasqueiros e pessegueiros pejados de frutos.

«Em redor da praça, elegantes lojas de modistas, de fabricantes de alaúdes, de negociantes de cereais, de vendedores de tabaco, bebidas espirituosas, produtos comestíveis e instrumentos aratórios anunciavam as suas mercadorias através de letreiros multicolores, e a maior parte delas, para marcar que o comerciante era mórmon, tinham em destaque um olho pintado de azul.

«Havia também armazéns de revenda e, em frente de um hotel, umas laranjeiras pequeninas, metidas em vasos roxos, mostravam o seu redondo mapa-mundo de folhagem.

«Não tardou que, para observarem os emigrantes, todos os lojistas aparecessem à soleira da porta. Uns fumavam cachimbo, outros mascavam tabaco, lançando de vez em quando para o chão um longo jacto de saliva castanho-avermelhado; alguns, enfim, de canivete na mão direita, talhavam devagar um pedaço de madeira que seguravam na mão esquerda.

«As crianças iam rodeando, a pouco e pouco, os recém-chegados e, magrizelas e de ar vicioso, os rapazinhos davam a mão às meninas, agarravam-nas pela cintura, beijavam-nas descaradamente, ao mesmo tempo que tagarelavam, riam ou faziam caretas aos viandantes.

«Havia uma menina a fumar um cigarro, que tirava dos lábios depois de aspirar de olhos fechados a baforada de fumo. Eram já os primeiros frutos da cidade nascente.

«Ó cidades! vós sois os mais sublimes monumentos da Arte humana! O movimento indefinido do progresso humano alcandora-se à imobilidade infinita. A lassidão faz com que o mundo aspire ao repouso pleno de actividade da vida vegetativa. Os vagabundos detêm-se e, achegando-se uns aos outros como as árvores na floresta, plantam raízes espirituais,

e as suas casas erguem-se, a cidade projecta as suas sombras. Assim surge por inteiro, com o nome de cidade, essa unidade maravilhosa do recém-estabelecido, com suas torres e moradas, seus aquedutos e cloacas, seus aquitectos e pontífices.

«Aquelas crianças brincavam à luz do sol, sem ninguém lhes ter ensinado o que fosse pudor. Viviam no seio de uma sociedade cuja religião honra e prescreve a obra carnal e os serralhos paternos exaltavam a sua concupiscência.

«Três índios saíram orgulhosamente de uma venda de bebidas. Eram Utos, vestidos com umas calças velhas, na cabeça uns carapuços de pele de vison e nos pés preciosos mocassins que eles enfeitavam com pérolas de vidro branco e verde, e enrolado no pescoço nu um lenço vermelho. Esses Peles-Vermelhas caminhavam com dignidade, pois sabiam que eram olhados como os últimos representantes dos Lamanitas, derradeira nação oriunda das dez tribus de Israel que se perderam após o cativeiro de Babilónia e cuja história, grandezas e misérias vividas no continente americano estão contidas no Livro de Mórmon.

«Faziam parte da nobreza da nova cidade onde, mercê da sua origem, os deixavam viver, piolhosos, debochados e miseráveis. E as tradições ainda por eles observadas, mau grado a sua decadência moral, haviam servido de modelo aos reformadores mórmons.

«Mas, nisto, o largo vibrou numa violenta animação. Todos os da caravana se puseram de pé e os poucos homens que a compunham afastaram-se e foram misturar-se à multidão que de todos os lados invadia o largo. Junto das carroças apenas ficaram as mulheres a falarem umas com as outras, a escovarem-se, a pentearem-se com garridice para aparecerem em plena posse de todos os seus atractivos. Eram inglesas bem parecidas nas suas calças mexicanas muito largas em baixo e enfeitadas na costura com uma tira de cabedal franjado. Eram as dinamarquesas, as norueguesas que, por pudor, não se haviam atrevido a envergar fatos de homem. Pareciam pretensiosas e miseráveis com as suas saias espalhafatosas, to-

das amachucadas da viagem, os folhos rasgados, os arcos da crinolina meio desfeitos. Havia uma jovem suíça ainda mais ridícula, com os seus atavios já fora de moda, anteriores a 48, e na cabeça um quico microscópico. Mas uma delas, aquela, enfim, que a si, Elvira, lhe interessa, a sua avó Pamela vestida à maruja, a boina poisada nos cabelos despenteados, de modo algum parecia incomodada com a sua apresentação e, de mãos nas algibeiras, observava audaciosamente a gente que formigava no largo e que se dividia, pelos vistos, em dois grupos que desejavam manter-se assim à parte, apenas percorridos ambos pela turbulência das crianças.

«Os índios haviam-se sentado no meio da praça e, desdenhando o tabaco, fumavam o seu kinikinik em preciosos cachimbos de terracota.

«Junto deles, tomaram lugar umas personagens envergando longas vestes brancas; tinham na cabeça umas tiaras igualmente brancas, redondas e bojudas no cimo. Era a 'troupe' vingadora dos Danitas.

«Desfilaram pela praça da União com as suas espingardas de coronha marchetada de prata nigelada. Traziam uma mascarilha de seda verde e, por baixo dos buracos abertos no sítio dos olhos, tremiam umas lágrimas de ouro. As suas luvas de antílope tinham os punhos enriquecidos com bocadinhos de oiro maciço e minúsculas conchas, e os seus mocassins eram inteiramente revestidos de penas multicolores, formando motivos decorativos cujos matizes contrastavam delicadamente; e, por detrás dos índios que fumavam sentados por terra, postaram-se imóveis esses maravilhosos Danitas e os cortejos de esposas atravessaram a praça em todas as direcções e deles se desprendiam apaixonadas expressões, entre as quais se podiam distinguir palavras tais como Exterminadores, Anjos, Amor, Eternidade, Música, Morte, Vingança, Beijos e Escravidão.

«Chegaram então gentes de todas as raças: ele eram Escandinavos de calções e meias às riscas azuis e brancas e todos com uma argola de oiro na orelha direita. Ele eram

Russos de camisa vermelha, cabelos compridos e bonés verdes de pala comprida muito descaída para os olhos. Ele eram Ingleses ostentando a sua barba à passa-piolho e o seu bigode rapado, ele eram Americanos de rosto glabro, com uma mecha de cabelo descendo-lhes até ao lóbulo da orelha, ele eram alguns Judeus metidos em longas opas e muito barbudos. E Alemães de boné de pano, alguns dos quais de óculos. Todos eles eram mórmons e o seu cortejo dispunha-se atrás dos Danitas e dos Índios acocorados. A eles misturou-se também uma mulher Uta, horrível à vista, de tão cheia de rugas, tendo nos ombros nus, no rosto, na cabeça sânie sanguinolenta.
chagas purulentas cobertas de moscas que lhe sugavam a

«Apareceram depois mais outros Mórmons, de todas as raças, uns empertigados nos seus colarinhos abertos sob os elegantes nós das gravatas e nas suas labitas de bom corte, outros pobremente vestidos, conquanto asseados.

«Veio também, conduzido por duas criancinhas, um cego descalço e todo trémulo; tinha vestidas apenas umas calças e uma camisa, mas nos pulsos trazia umas pulseiras de corda enfiadas em pepitas de oiro perfuradas. No pescoço tinha um colar semelhante e do mesmo era o cinto que trazia à cintura. E esse cego era aquele homem que, em 1840, descobrira o oiro na Califórnia. Dizia-se que, desde esse dia, desatara a tremer de febre e que essa febre do oiro a pegara ele ao mundo inteiro. Dizia-se também que chegara com o brilho do oiro e, rico, cheio de mulheres e de filhos, ali vinha ele todos os dias, à praça da União, contar a sua história:

"Regressava eu da guerra do México para me juntar aos Santos. Atravessava a pé a Califórnia, um dia trabalhando aqui, no dia seguinte pondo-me a caminho, empregando-me sempre que me via à míngua de recursos... Certo dia, estava eu a soldo do antigo capitão da guarda suíça do rei de França, Carlos X, e pensava nos meus irmãos e nas minhas mulheres, quando, ao curvar-me para me lavar no rio que fazia rodar a azenha, descobri uma pepita. Não me enganava, pois já vira oiro num cambista de Frisco. Ocultei a minha

descoberta durante várias semanas, após o que tudo se veio a saber, mas entretanto já eu enriquecera e fui eu quem salvou da bancarrota a nossa nação e fui o instrumento escolhido pelos deuses para dar cumprimento à profecia de Joseph Smith, ao predizer que as notas por ele emitidas e que ninguém queria, valeriam um dia tanto como o oiro. Fui eu o descobridor do oiro da nossa moeda, a mais preciosa de todas visto ser de oiro puro. E mais nenhum mórmon tem hoje direito a procurar oiro."

«E as pepitas sagradas que o adornavam davam-lhe um ar selvagem.

«O outro grupo era formado pelos gentios que viviam na cidade mórmon. Tal como entre os mórmons, via-se gente de todas as raças, Americanos, Holandeses, Italianos, Mexicanos. Além destes, havia também negros, grande número de chineses, alguns Havaianos e Japoneses. Eram famílias inteiras de monógamos, caçadores de estrapola, exploradores, "desesperados" da fronteira mexicana, missionários católicos e de várias seitas, desertores das várias marinhas europeias, fugidos durante uma escala na Califórnia, atraídos pela prosperidade da nova cidade. Homens e mulheres olhavam com uma espécie de desprezo para a assembleia dos mórmons e para o acampamento das mulheres recém-chegadas e por entre esses gentios passeava-se rindo, falando alto, com rostos extremamente afectados, gestos amaneirados e grandes ares, num passo nobre e desenvolto, um grupo de histriões que nessa noite iria representar no teatro. E aquela actriz tão delgada, loira e majestosa que vinha à frente, tinha um vestido de cauda que o director da companhia, um corcundinha de fraque preto e chapéu alto segurava, enquanto ela sorria às raparigas e, com o leque, afastava os homens que se não tivessem desviado à sua passagem. Só parou quando os seus colegas, actores e actrizes, a impediram, em grande grita e longas declamações, de se desencaminhar, perante as assembleias, por entre os cortejos de esposas que continuavam a chegar.

«Eram as mulheres do elder Lubel Perciman, em número de catorze, com os seus vestidos de faile negro com folhos de renda cor de fogo. Usavam o nome do marido e diferenciavam-se pelo nome próprio. Eram ainda as esposas do Leão do Senhor, o profeta Brigham Young, que contava vinte e quatro, das quais a mais nova tinha treze anos, enquanto duas já haviam passado dos trinta, tendo uma trinta e oito e a outra cinquenta e quatro anos. Distinguiam-nas pelos seus números e a esposa n.º 19, que tinha vinte e quatro anos, não parava de se virar apaixonadamente para o sítio onde se encontravam os Danitas. Eram todas de uma extrema elegância e usavam jóias de valor. Havia também o grupo austeramente vestido das vinte e duas mulheres do Cepo de Chanaan, Walter Ruffins. Os seus vestidos cinzentos arrastavam pelo pó e estavam protegidas por grandes chapéus de feltro cuja calote imitava a das cartolas, ao passo que as asas, larguíssimas e curvadas atrás e à frente, estreitavam dos lados. Havia o séquito das onze mulheres do Sol de Perfeição, Robin Farmesneare. Uma delas trazia uma veste de lã vermelha, era a minha mãe, duas vestiam de seda cor de pulga, outras duas tinham saias de pano branco a condizer com uns boleros amarelos de alças cor-de-rosa, quatro umas saias curtas, quer verdes, quer azuis, com um grande laço de escocês atrás, às riscas amarelas, pretas e vermelhas, e a última, finalmente, um vestido curto de seda multicolor: tinham os cabelos soltos e usavam na cabeça uns pequenos diademas índios feitos de penas brancas e vermelhas. Usavam o nome do marido precedido do apelido paterno. Estavam todas elas grávidas, uma gravidez já bastante avançada; os seus enormes ventres balançavam à sua frente, dando-lhes uma nobre aparência.

«Outros grupos de mulheres comprimiam-se atrás destas. Como águas encapeladas, escorriam de todas as ruas, de modo que agora, para onde quer que olhassem, os emigrantes apenas viam mulheres, mulheres essas quase todas grávidas. Eram em tão grande número, que já se não enxergava, por detrás, a assembleia dos mórmons e a assembleia dos gen-

tios. E, a pouco e pouco, tantas mulheres grávidas se juntaram que, na praça da União, só se viam os seus enormes ventres a agitarem-se como as pequenas ondas de um lago sobre o qual flutuavam como rolhas as cabecitas de rostos desfeados pela gravidez.

«Espantavam-se então os emigrantes que tanta fecundidade se manifestasse após a esterilidade do deserto de sal. A religião que elas, alguns meses atrás, haviam abraçado na Europa, era a religião da fecundidade. E depois, misturando-se com o grupo das mulheres estrangeiras, as fecundas matronas gabavam a sua felicidade, descreviam as alegrias do lar, louvavam a força e a inteligência do esposo:

«— Vinde comigo, minha jovem, somos já quatro esposas e vivemos em comum ao lado do nosso esposo. Vinde partilhar das nossas ternuras comuns. Os nossos filhos ainda pequenos jamais saberão qual de nós é a sua mãe e a sua piedade filial envolver-nos-á às cinco.

«— Vinde comigo, ó jovem, em nossa casa há cinco esposas e o nosso marido tem mais três mulheres ainda, duas que viveram outrora e uma que irá nascer dentro de três séculos.

«— Vinde comigo, ó jovem, e sereis fecunda na nação da fecundidade. A nossa nação há-de cobrir o mundo e então será o tempo da felicidade.

«— Vinde comigo, ó jovem, o meu marido tem quinze mulheres e vós, sendo a mais bela, sereis a mais amimada.

«— Vinde comigo, ó jovem. Somos vinte esposas, cada qual tem o seu lar no meio de um pomar cheio de fruta e o nosso marido visita-nos a cada uma por sua vez.

«— Vinde comigo, ó jovem, eu também vim da Europa, um dia. Acabara de perder o meu único amor. Esta é a cidade sem amor. Mas que maior felicidade pode haver do que a carne satisfeita quando o espírito já não conhece o ciúme?

«E aquelas esposas prenhes esforçavam-se por seduzir as europeias e conduzi-las a seus respectivos maridos. Falavam com entusiasmo da sua felicidade isenta de amor e de

ciúme. E quase todas haviam esquecido os seus antigos juramentos de afeição.

«Os ventres dessas mulheres profetizavam a grandeza da nação. A sua descendência pulularia pelo mundo inteiro.

«Em cada lar, as várias esposas encorajavam-se, ajudavam-se, cuidavam-se mutuamente, envidavam esforços para que o esposo, liberto das inquietações da carne, pudesse consagrar-se à sua tarefa de enriquecer, ao mesmo tempo que a sua própria fecundidade forçava a aumentar a actividade do homem, na medida em que se iam tornando maiores as necessidades da casa.

«Na praça da União viam-se agora três assembleias: a assembleia dos gentios, à qual se haviam misturado os indivíduos inferiores, os negros, os amarelos e toda a feroz populaça dos aventureiros; a assembleia dos mórmons junta com os Lamanitas, os quais haviam olvidado que, após a ressurreição, Cristo veio pregar à terra americana; e, finalmente, a assembleia das mulheres, em que a fecundidade das mórmones exibia com fausto as suas promessas de futuro aos olhos das europeias.

«Foi então que a praça inteira vibrou e todas as cabeças se viraram para uma ampla avenida, pela qual avançava majestosamente um pequeno grupo de homens. Estavam vestidos de negro e traziam chapéu alto. Era o Conselho dos doze: Weber C. Kimball, o Arauto da Graça; Perley P. Pratt, o Archeiro do Paraíso; Orson Hyde, a Branca Oliveira de Israel; Williard Richards, o Guardião dos Arquivos; William Smith, o Bastião Patriarcal de Jacob; Wilfred Woodruff, o Pendão do Evangelho; George A. Smith, o Entablamento da Verdade; Orson Pratt, o Padrão da Filosofia; John Page, o Quadrante Solar; Liman Wight, o Carneiro Selvagem das Montanhas. Faltava o Campeão do Direito, John Taylor, em viagem pela Europa. E, fechando o cortejo, vinha o Leão do Senhor, o próprio Brigham Young em pessoa, comparado a São Pedro; era o segundo profeta do mormonismo, o fundador da nova nação, o que ostentava o título de Presidente dos Santos-do-Derradeiro-Dia. Conversava familiarmente com

Lorenzo Snow, o elder que viera da Europa para acompanhar os neófitos.

«À vista das ilustres personagens, as mórmones voltaram a reunir-se em grupos e, abandonando os emigrantes, foram engrossar a multidão da assembleia dos Santos. Lorenzo Snow apresentou ao Profeta as novas irmãs, e os emigrantes que já se haviam misturado com os gentios tornaram a separar-se e foram também apresentados e várias uniões se selaram entre algumas emigrantes e os mórmons que as demandaram; igualmente foram seladas uniões entre um emigrante e duas das suas companheiras de viagem. O próprio profeta aumentou o seu harém com uma norueguesa que não parava de rir e de corar, uma inglesa provocante cujas formas enfunavam bem o seu traje mexicano e uma húngara de olhos cinzentos que não conseguira aprender uma só palavra de inglês durante toda a viagem, ao contrário das suas companheiras norueguesas, alemãs, dinamarquesas, italianas, suíças e até mesmo aquela única francesa que haviam conseguido trazer.

«Todas e todos aqueles emigrantes passavam, doravante, a estar casados. Restava apenas a francesa, vestida à maruja. Recusara, uns após outros, todos os mórmons que haviam pedido a sua mão; o próprio Profeta lhe pedira para entrar no seu harém, o que ela recusou como aos demais. Brigham Young olhou-a por uns momentos com atenção, posto o que a convidou a recolher-se em sua casa até ao dia em que desejasse casar-se. Os e as emigrantes tomaram, todos eles, lugar na assembleia mórmone; as antigas esposas acolheram com júbilo as suas novas irmãs; os dignitários do conselho dos doze foram postar-se junto de suas mulheres e assim passou a haver apenas duas assembleias, a dos gentios e a dos mórmons, perante as quais ficou Brigham Young, tendo ao pé, acocorada, a caprichosa francesa que já lamentava as suas três salas sombrias, cheias de berliques e berloques, lá naquela rua a subir, em Paris, e as quadrilhas do baile de la Grande Chartreuse onde, três anos antes, se havia estreado de boné na cabeça, sob aquela imensa tenda a que, por via

da vitória de Isly, chamavam a tenda marroquina. Longínquas recordações! Ela fazia frente a qualquer operário 'fashionable'! Longínquas recordações! Era uma cabecinha tonta no meio dos soldados aos bordos, de alguns estudantes boémios e dos pintores. Longínquas recordações! Passara a ser a Lorette do bairro Bréda. Cantarolando:

Sou a Lorette
Toutinegra negra
Sempre a pipilar baixinho
Senhor largue os livros que eu dou-lhe carinho.

«No meio da praça da União, Brigham Young erguera as mãos e todos os homens, Mórmons e Gentios, se descobriram. Então o profeta pôs-se a falar. Gabou a nobreza da nova religião, dizendo que ela estava aberta a todas as verdades que fossem surgindo. Regozijou-se por os deuses haverem enviado anjos àquela nação sagrada. Ordenou aos ricos que distribuíssem o supérfluo pelos pobres. Exaltou a poligamia, fazendo o elogio da obra da carne.

«— É uma enorme alegria para o homem poder procriar como a divindade. E ainda queriam limitar o poder criador do homem ao ventre de uma só mulher! Pois não era insultar a geração? Cessará o poder criador do homem durante a prenhez de sua mulher? Porquê, pois, proibir que, durante a gestação, o esposo procrie? Crescei e multiplicai-vos, filhos de Deus! A volúpia diviniza-nos; ao experimentá-la, entramos no paraíso. Nascei, nascei, filhos e filhas dos Santos, crescei e multiplicai-vos em nome de Merer, por Odiroth, Merevoss, Marinikambinissim...»

«E assim continuou a falar naquela língua revelada, e a emoção do povo inteiro dos Mórmons e Gentios atingiu o auge e todos os olhos brilhavam como gemas ígneas. Depois, enquanto o Profeta ia falando, soltou-se da multidão uma série de gritos estridentes. Agitaram-se os braços, mulheres

grávidas riam com tanta força que, não podendo mais suportar o peso do ventre sacudido, caíam no meio do chão. Ouviam-se cantos extravagantes e os índios soltavam exclamações guturais que soavam a toque de finados, e logo houve lancinantes gritos de mulheres do lado dos gentios e alguns homens, tomados de terror, tremiam e soluçavam. Os gritos roucos das Mórmones transformaram-se depois em urros, e umas quantas pessoas desmaiaram soltando um grito estridente que ecoou como o sinistro apelo de uma ave agoirenta. Então toda aquela gente foi sacudida por um insensato frenesim. O 'bark' apoderou-se do povo inteiro e todos aqueles que não haviam desmaiado se lançaram de gatas e, de cabeça erguida, contemplando de frente Brigham Young, ladravam como cães raivosos. O sermão prosseguia e a voz do Profeta dominava com palavras de revelação os latidos de homens e mulheres. Gritava com toda a força, de olhos erguidos ao céu, o chapéu alto tombado para a nuca, o pescoço entumescido, e aquele esforço fez rebentar a botoeira do colarinho 'évasé', a gravata subiu-lhe para o pescoço, abriu-se a camisa e a papeira do profeta ficou à mostra sobre o peito, como uma teta de vaca. Falava com voz tonitruante, ao mesmo tempo que se curvava para a frente para olhar nos olhos os uivadores que se iam aproximando dele, a quatro patas, que rosnavam, que mostravam os dentes.

«Então ele despiu a casaca e agitou-a por sobre a cabeça soltando gritos desarticulados e todos aqueles cães raivosos se puseram de pé e o Profeta retomou o sermão em língua revelada.

«Mas não tardou que aquele povo frenético fosse novamente tomado de convulsões; as mulheres prenhes tinham espasmos violentos como se tivessem prestes a parir; havia homens que se contorciam como roupa retorcida e um bando de mulheres corria às arrecuas à volta da praça e as suas cabeças desarticulavam-se com o entusiasmo, a pontos de o rosto se encontrar agora virado para as costas. Os olhos dos índios haviam saído das órbitas e pendiam sobre o rosto como aranhas presas à teia. O 'jerk' convulsionava tudo, habitantes e cidade. Os seus rostos transfigurados estavam irreconhecíveis e a sua fisionomia mudava de um momento para o outro.

«E como o entusiasmo aumentasse com os berros do profeta, todos se acocoraram e se puseram aos saltos como sapos, agitando os braços, contorcendo-se como desconhecidos, grotescos e pavorosos répteis. Amansou depois a voz do profeta, falava agora em termos acariciantes e as contorsões pararam. O povo inteiro lançou-se ao chão e rolou de um lado para o outro como se o estivessem a embalar. O movimento dos corpos foi-se acelerando e muitos havia que, rígidos, rolavam através de toda a praça e à volta embatiam uns nos outros, sobrepunham-se, misturavam-se, feriam-se.

«E Brigham Young desatou a cantar numa voz aguda e estridente, sempre agitando a casaca, e essas estrídulas vibrações sacudiram todos os corpos, que num ápice se puseram de pé para logo se curvarem em círculo, com a cabeça a tocar nos pés, e assim se puseram a rolar através da praça como arcos imperfeitamente circulares.

«Rolavam aos milhares e o profeta continuava a cantar, até que, já o sol declinava, fez da casaca chicote e fustigou aqueles arcos humanos, afugentando-os para as ruas mais próximas, onde eles se distendiam soltando um grito horrível e permaneciam imóveis, cobertos de poeira e de baba sanguinolenta.»

V

«Isso mete medo — disse Elvira, após um momento de silêncio, enquanto o velho Mahner retomava fôlego. — Mete realmente medo. E eu a julgar que era muito divertido ser-se mórmone.»

«A poligamia não é, a meu ver, uma sinecura — observou o Ovídio postiço cuja bravura era atestada por uma palma, duas estrelas de prata e uma de oiro. — Sempre pensei que assim fosse. E o perigo que há em ser-se fanático é tão grande como o que se enfrenta ao tomar-se de assalto uma trincheira provida de metralhadoras.»

«Extremamente frequentes na América, uns trinta anos atrás, essas cenas de fanatismo eram — disse o velho Mahner — já bastante raras na época a que me estou referindo.

«Vou, pois, continuar!

«Uma noite, à hora da ceia, o rico elder Lubel Perciman voltou para casa com uma nova esposa, à qual o Profeta acabava de o unir, e que vinha a ser essa tal francesa chamada Pamela Monsenergues, a qual passaria doravante a chamar-se Pamela Perciman.

«Resistira imenso tempo aos avanços que lhe haviam feito alguns jovens mórmons, casados ou ainda solteiros, e se se decidira a favor de Lubel Perciman, isso devia-se ao facto de as esposas deste serem novas, atraentes e terem-na

vindo visitar à casa de Bringham Young, onde a francesa encontrara hospitalidade.

«Bem reconheço nela a minha avó — disse Elvira. — Ela gostava de mulheres e eu, pela parte que me toca, também nunca encontrei nenhuma que me tivesse desagradado.»

A observação de Elvira não provocou qualquer reflexão da parte de Ovídio e assim o velho Mahner prosseguiu a narrativa.

«Lubel Perciman tinha catorze mulheres, todas elas jovens e graciosas. Formavam um canteiro onde havia à mistura flores de vários climas. Cinco eram inglesas, duas naturais do Illinois, uma da Pensilvânia, outra do Massachussets, mais duas dinamarquesas, uma irlandesa, uma russa, uma alemã e uma holandesa.

«Andavam sempre luxuosamente vestidas e, tanto quanto possível, à moda de Paris. Em todos os correios chegavam sempre revistas de modas, vestidos, chapéus, fitas, peças de pano, bordados, músicas destinados às esposas Perciman. Para elas só havia diversões, banquetes, passeios de carro, sessões de música; não falhavam uma representação teatral e, entrementes, iam organizando os seus serões, onde se falava de literatura, de religião e dos problemas da época, e os seus bailes, onde se podia ver a mais selecta sociedade de Salt Lake City. Três delas eram músicas. Havia também, entre essas mulheres, uma poetisa cujas produções apareciam na **Deseret Review.** Tinham, cada uma, a sua aia; dois cozinheiros chineses e quatro criados pretos completavam o pessoal da casa.

«Aquando da chegada da última caravana europeia, Lubel Perciman, que fora examinar as emigrantes, lançara um olhar de desejo àquela francesa, Pamela Monsenergues, que, vestida à maruja, mirava com desdém aqueles que a vinham observar. Propôs-lhe ele logo, à bruta, desposá-la, mas ela, a rir, dissera que não, que precisava de reflectir.

Depois, em casa do Profeta, onde fora recolhida, houve uma crise de lágrimas e de desespero. Gritava que queria

voltar para Paris, que não sabia o que tinha vindo fazer para aquela terra. E o profeta tivera o cuidado de a dar a consolar a algumas das suas mulheres, as esposas n.º 8, n.º 11, n.º 19 e n.º 20, e ela falava-lhes com uma pronúncia detestável, empregando o pouco de inglês que aprendera durante a viagem, dizendo que jamais poderia viver na companhia de outras mulheres, que cria na Virgem e no bom Deus, e que via perfeitamente que viera cair no meio de pagãos; que ao deixar Paris nunca supusera que viria dar a uma terra selvagem, perdida nos confins do deserto, que se deixara persuadir pelo Sr. Taylor, que afinal, com aquele seu ar de santarrão, não passava de um hipócrita, que andava numa linda vida, à cata de mulheres para os Americanos; então chamava das boas ao Direito do Senhor, tratando-o de devorador de brancos e traduzindo literalmente a expressão idiomática para inglês, de modo que aquilo deixava de ter qualquer significado, e a esposa n.º 19 ria a bandeiras despregadas ao ouvir aquelas expressões extravagantes, aqueles barbarismos, aqueles queixumes, aquelas invectivas, ao passo que as senhoras n.º 8, n.º 11 e n.º 20 mostravam um ar consternado. Pamela Monsenergues falou, depois, dos seus amantes e de Adolfo, o último deles, que tinha uma capa forrada de cetim creme e a deixara para se juntar com uma actriz, uma mulher já de certa idade. Ela, Pamela, nunca realmente o amara, a esse tal Adolfo, mas como ele era fanfarrão, sempre a ia divertindo e, ao mesmo tempo, aborrecendo um pouco, até que Taylor a encontrara na rua, a 4 de Dezembro, e então ela fizera a maior asneira da sua vida: ir para a América. Devia-o também em parte a seu pai, que via sempre com bons olhos tudo quanto se passasse no estrangeiro.

"Ah! Não! não quero mais desertos, nem acampamentos, nem índios, não quero mais saber de deuses, e de Espíritos e de haréns! Como é que conseguem entender-se umas com as outras? Ah, não! quero a Europa, a França, Paris, o boulevard, Romainville, a Porte Maillot."

E chorava, enxugando os olhos com uma das mãos e com a outra acariciando um carneiro da montanha, parecido com

um pequeno gamo, que, familiar, gentilmente lhe lambia o braço. E as esposas n.º 8, n.º 11 e n.º 20, deixando a senhora n.º 19 rir à sua vontade, esforçaram-se por contrariar os maus propósitos da francesa. Lisonjeavam-na, felicitando-a pelo vestido que trazia, e pelo corpete e pelas suas mangas em forma de pagode, diziam-lhe que era bonita e que as lágrimas a desfeavam, gabavam a vida de família no Utah, fazendo realçar o luxo de que dispunham e acrescentando que de igual luxo poderia também ela vir a usufruir se se decidisse a escutar as propostas de Lubel Perciman a quem o Profeta a havia destinado.

«— E que felicidade não é — acrescentavam elas — que felicidade não é deixar-se de sentir ciúmes! Entre os mórmons, uma mulher não tem mais a recear que o esposo a engane fora do lar. Ele tem, portas adentro, uma felicidade variada que o garante contra a saciedade. E se deixar de a amar, que importância tem isso, o amor carnal não é imortal, ao passo que o amor conjugal é eterno. Ela continua no lar, respeitada, amada, senão adorada, e a sua autoridade doméstica vai aumentando, enquanto os prazeres da carne serão o quinhão reservado às novas esposas que o esposo traz para o lar.

«E diziam-se mais felizes do que as demais mulheres, que não podem entregar-se a uma vida natural, que não pensam noutra coisa que não seja a coqueteria, a fim de reterem o esposo ou o amante, e tantas vezes se mostram impotentes para isso, ao passo que entre os mórmons, se uma mulher não consegue reter o marido, lá estará outra esposa que o atrai e o retém no lar conjugal, e há aquele vai-e-vem de ternura quando, o que sempre acontece, a preterida volta a ser a favorita. Todos os jogos do Amor divertem o lar mórmon e só muito raramente há ensejo para deplorar que o ímpeto viril, ultrapassando os limites permitidos, se vá comprazer em domínios cujo acesso está interdito.

«Também as esposas se mantêm dentro da reserva que compete ao belo sexo evitando, cada uma delas, desconsiderar-se aos olhos das outras mulheres que a cercam, as quais, acompanhando-a a todo o momento, lhe não dão ensejo

(que a elas próprias, aliás, também se não proporciona) de quebrarem a fé conjugal.

«E assim, aos poucos, foram estes discursos impressionando o espírito de Pamela. Deixou-se ir atrás desses raciocínios, sem, contudo, os tomar ao pé da letra. A esposa n.º 19 sorria-lhe à socapa, encolhia os ombros, mas não se preocupava em catequisá-la e, enquanto as outras iam falando, punha-se ela à janela e o seu rosto entristecia como se estivesse à espera de alguém que não chegava. E quando de novo se virava para dentro, continuava ainda a sorrir, como que a troçar do que se dizia, e propunha que fossem tomar chá com natas e crepes fofos.

«Às vezes o profeta atravessava a sala, calado e majestoso.

«Enquanto isto, Lubel Perciman ia sempre insistindo e assim Pamela recebia, todas as manhãs, um ramo de flores raras enviado por ele. Um dia encomendou para ela um par de preciosos mocassins enfeitados de pequenos rubis, penas azuis e conchas. Outro dia, as esposas de Lubel Perciman vieram em bando tomar chá com ela e todas essas mulheres das mais variadas nacionalidades gabaram a vida que levavam, a galanteria do esposo, a sua força, a sua inteligência, o seu temperamento amoroso e as suas riquezas ao ponto de Pamela se sentir encantada ao ouvi-las, e assim, quando no dia seguinte apareceu Lubel Perciman elegantemente vestido, com a sua gravata branca dando trinta e seis voltas ao pescoço, ela acedeu ao seu pedido, pensando:

«"Seja como for, um casamento rico é uma oportunidade que nunca se deve perder, e em Paris é coisa que decerto nunca se me proporcionaria; talvez esta gente tenha razão."»

«Pamela impusera só contrair casamento depois de ter tido tempo de arranjar um vestido branco, que ela mesma cortou e coseu com a ajuda das esposas do Profeta. Não se atreveu a pedir flor de laranjeira, pois, a seu ver, não tinha direito a ela, mas, no dia da cerimónia, fez-se coroar de rosas brancas e enfeitou-se com um colar que o noivo lhe oferecera e que era composto de enormes pérolas, como aquelas a que as romanas, desde a guerra de Jugurta, chamaram uniões.

«E durante a cerimónia sentira o coração perdido de tristeza, de nostalgia e de ansiedade. Comparava-se involuntariamente àqueles rios que vira durante a viagem pela Califórnia e pelo Utah, no fundo dos quais fervilham milhares de serpentes. Sentia mil e uma tristezas e todas aquelas insólitas cerimónias que lhe não despertavam o mínimo interesse, mais lhe agravavam o sofrimento.

«Um carro deveria conduzir os esposos a casa, e aconteceu então que no preciso momento em que Lubel Perciman ajudava Pamela a subir o degrau, passou ali perto um cavaleiro montado numa égua preta e envergando uma longa túnica branca, e ela reconheceu, no seu rosto disfarçado, a mascarilha verde e as lágrimas de oiro dos Danitas. A tiara imaculada dava-lhe um aspecto imponente. O coração de Pamela bateu com mais força e ela pensou: "A este é que eu deveria desposar. É belo e misterioso, enquanto que o meu Lubel, com aquela sua barba à passa-piolho, tem um ar de negociante feito à pressa." E, de raspão, atravessaram-lhe o espírito pensamentos adúlteros. Desejou que o Danita a tomasse na garupa e a levasse para outras terras, mas depois pensou na terrível reputação dos Danitas e, arrepiada, achegou-se ao marido que mal olhava para ela e não dizia palavra. E uma vez chegada à sua nova morada, depararam-se-lhe, ao entrar no salão, as catorze mulheres que ali se encontravam de pé, para a receber e, como estavam em fila, e de frente, no meio da sala, ela desatou a rir, pensando: "Realmente não há nada a dizer! Este meu lar conjugal sempre tem um ar!... Só aqui falta uma preta." Posto o que voltou a entristecer e pediu desculpa ao marido, mas precisava de assentar ideias, de se afazer àquela vida para si tão nova e tão estranha, e assim passou a noite sozinha.»

«A verdade — disse Elvira, enquanto o Sr. Mahner sorvia uma pitada — a verdade é que aquilo não era muito habitual. Vi muita coisa estranha na Rússia, e Georges, o meu primeiro amante, deu-me a conhecer de tudo um pouco, mas a verdade é que nunca vi um harém. Não deve, pois, ser uma coisa muito vulgar! Talvez que, ao fim e ao cabo, não seja assim

tão aborrecido viver num harém, quando, como é o meu caso, se não detesta mulheres!»

«Talvez, depois da guerra, ainda possa vir a saborear essa vida — disse o fictício Ovídio du Pont-Euxin — mas, a meu ver, se isto que o meu tio conta nos põe perante o problema, de antemão se pode afirmar que as nossas instituições e costumes europeus lhe darão uma solução negativa.»

«Ó gente de um país onde nada muda — disse sentenciosamente Otto Mahner — que aquele que na Europa não for polígamo lance aos mórmons a primeira pedra!»

E depois de ter fungado uma nova pitada, retomou o fio à meada:

«No dia seguinte, com aquele som de pergaminho amarrotado que assinala a aproximação das cobras cascáveis, as quinze mulheres do elder Lubel Perciman, decotadas nos seus vestidos de folhos, de chamalote, saíram do jardim e concentraram-se por um instante no cruzamento onde ficava situada a sua casa, junto da de Orson Spencer, na esquina noroeste onde se cruzam a rua da Casa do Concílio e a rua da Emigração.

«De entre as quinze esposas, fácil era distinguir as quatro americanas com a sua enorme cabeleira, em que aos seus belíssimos cabelos se misturavam outros, postiços, em espantosa quantidade, e todas elas imoderadamente empoadas com pó de amido, pelo rosto, pescoço, colo e braços. As cinco esposas inglesas ostentavam com realeza o diadema dos seus cabelos de oiro róseo, cujos cambiantes de aurora, que mal se diferenciavam de uma para outra, faziam com que essas mulheres, perfeitamente brancas, mais parecessem cinco círios acesos.

«As duas esposas dinamarquesas, a russa e a holandesa armavam um espesso carrapito com as pesadas tranças do seu cabelo, enquanto que os negros cabelos da irlandesa, em flácidas espirais, faziam sobressair a animada brancura do seu rosto. Só a francesa Pamela tinha cabelos castanhos como o pêlo de uma lontra.

«Assim iam as quinze pelas ruas da nova cidade, cujas lojas se encontravam fechadas, pois esse 29 de Setembro de 1852 era dia de grande festa, o dia em que Brigham Young, o Profeta, iria proclamar ao povo mórmon a revelação sobre a poligamia. As portas estavam fechadas, mas as montras apresentavam-se cuidadosamente arranjadas, com um gosto bárbaro pela decoração.

«O fotógrafo Marsenne Canon expusera daguerreótipos das principais personagens do mormonismo e suas respectivas esposas.

«William Hennefer, o barbeiro, e ao mesmo tempo dono de um restaurante, construíra com garrafas de vinho americano, de Catawba e de Isabella, assim como de Champagne e Porto, com sabonetes brancos, cor-de-rosa e verdes, com frascos de água de Colónia e com latas de conservas, um bizarro edifício que representava o templo edificado em Nauvoo pelos mórmons. Na loja de William Nixon, eram montões de grãos de trigo ou de milho, eram batatas e melões, que causavam espanto ali, naquela cidade erguida no meio de um deserto árido.

«Na loja de John and Enoch Roese, merceeiros, eram pirâmides de latas de ostras em conserva, de boiões de compota entre os quais se viam também fatos de pele de gamo, cordas, armas e munições, bocais de açúcar, caixotes de tabaco, barris de carne de porco e de farinha, sacos de café. Havia lojas de modas com a menção de "Modas de Paris e do Déseret". Em Main Street havia ainda livrarias, leitarias e o Grande Hotel do Utah explorado por um piemontês que também era dentista, merceeiro e alquilador, pelo que, diante da casa, amarrara a estacas todas as mulas que tinha. Ali estavam todas, animais preciosos para quem viajasse por montes e desertos, umas pretas, de olhos límpidos e expressivos, do tamanho de éguas, outras pequenas, e tão vivas e graciosas que mais pareciam ratos. Haviam-lhes enfiado na cabeça umas pequenas colmeias, um dos símbolos do mormonismo, e sempre que naquela rua, ou nas ruas mais próximas, passava algum cavalo, as mulas esforçavam-se por

quebrar a corda e irem atrás dele. Eram tantas ou tão poucas, que não cabiam todas diante do hotel, de modo que as havia até em frente das lojas de James Needham, de George P. Bourne e de John Chislet, o peleiro que, trabalhando um pedaço de madeira, conversava na soleira da porta com um caçador que contava das regiões por onde passara, das terras banhadas pelo rio vermelho, o Tennessee e o Arcansas. E por toda a parte, nas lojas, nas casas, no Museum, no Tabernáculo, na casa do Endowment, na casa do leão, com o seu pórtico, se via, gravada ou pintada, a colmeia simbólica ou ainda o nome revelado de Déseret e sempre aquele «olho que tudo vê» rodeado de raios, emblema sagrado dos Santos-do-Derradeiro-Dia.

«Assim chegaram as quinze mulheres do elder Lubel Perciman às portas do Tabernáculo da teocracia mórmon, no momento em que terminava a cerimónia durante a qual o Profeta proclamara aos Santos e ao mundo inteiro o dogma da poliginia. E para conferir maior majestade ainda a essa consagração da potência viril, uma procissão ritual saía do Tabernáculo para ir dar volta à cidade.

«Vinham, à cabeça, empunhando a trolha e o esquadro, os pontífices que haviam lançado os arcos por sobre o Jordão da Terra Prometida americana, e, atrás, ostentando as mesmas insígnias emblemáticas, vinham os escultores, os arquitectos e os pedreiros que haviam trabalhado na edificação do templo.

«A seguir, puxada por bois conduzidos por cinco jovens 'squaws' de longos cílios, cabelo preto escorrido e luzídio que lhes escondia metade do rosto, enroladas num manto debruado de amarelo, enfeitadas com colares feitos de uma mistura de garras, turquesas e conchas marinhas, com brincos de barro e com um saco de mezinhas bordado a pérolas, vinha uma carroça sobre a qual se via uma enorme gaiola onde treze águias negras, figurando os treze estados originários, batiam as asas, ao mesmo tempo que as Índias, numa voz de estranhas modulações, cantavam na sua língua.

«Atrás deste carro, executando os seus toques marciais, vinham os trombeteiros da milícia precedidos pelo porta-estandarte e seguidos por uma banda de música com músicos vestidos à mexicana e com chapéus pontiagudos de copa larga. Tocavam pífaro, clarinete e oboé e a sua música alternava com o som das trombetas, com os cobres da fanfarra do siciliano Ballo e com as vozes dos cantores que vinham a seguir, vestidos de pioneiros e sobraçando sacos índios.

«Depois, em boa ordem, comandado pelo capitão Pettigrew, marchava um destacamento de milicianos mórmons, rodeando quatro escravos pretos que traziam uma grande colmeia simbolizando o território do Utah e recordando o nome revelado do Déseret ou terra da abelhinha.

«Nessa altura, um negro do Missouri chegado nessa mesma manhã, empurrando um carrinho de mão e acompanhado por um caçador do Michigan que viera estender as suas armadilhas na ribeira do Jordão e nas margens do lago Utah, foi de encontro às quinze esposas do elder Lubel Perciman. Esse negro de camisa azul e olhar calmo apregoava a sua mercadoria através das ruas da cidade, parando às vezes para dançar a giga diante das casas que lhe pareciam mais abastadas, e agora empurrava aos encontrões aquelas mulheres em trajos de noite que lhe barravam o caminho, e, enquanto todas se desviavam as americanas soltavam gritos irados e, depressa se refazendo do susto, caíram sobre o importuno agredindo-o com os leques. E ele, que queria falar ao Profeta, o qual ia precisamente a passar, ladeado pelo patriarca e rodeado dos Apóstolos, deu um passo em falso e estatelou-se aos pés do augusto grupo.

«Deteve-se o presidente e com ele toda a procissão, e, enquanto as trombetas emitiam o seu prolongado acorde, o negro gritava:

«— Eu vi no céu alaranjado Cristo-Adão descer com as suas mulheres e infinitos deuses cruzarem os espaços para anunciarem a redenção dos negros.

«Mas já Brigham Young perguntava ao seu vizinho Kimball, que ria estrondosamente:

«— Que espírito falso e maldito habita, para seu pecado, no tabernáculo deste negro?

«E do grupo dos Setenta, que vinha a seguir, saíram quatro homens que tiraram à francesa Pamela, sem lho pedirem, a 'écharpe' que ela tinha no braço; torceram essa tira de seda como uma corda, fizeram um nó corredio que lançaram por cima de um ramo grosso de amoreira que havia ali na rua e, agarrando no negro que se debatia e gritava desesperadamente:

«— Eu sou o Sem Candland, um filho do Missouri»

ou ainda:

«— Eu sou um Yankee»

enforcaram-no com o aplauso de todos quantos assistiam ao espectáculo e no meio da cascata de risos das americanas cujos olhos brilhavam da alegria que lhes dava o tão prontamente haverem sido vingadas.

«O enforcado continuava a debater-se, os seus pés dançavam a giga com aquela agilidade a que ele os acostumara e o seu rosto escuro mais parecia ter, em lugar de olhos, dois grandes escorpiões brancos caminhando um para o outro, e a alegria atingiu o auge quando, ao ver sair da boca do enforcado um jacto de saliva, um dos músicos da orquestra de Nauvoo, que fora baleeiro, gritou:

«— É o sopro dela! — como costuma dizer, ao descobrir a baleia, o marinheiro que do alto do mastro prescruta o mar.

«E findo o derradeiro estertor do negro do Missouri, o cortejo prosseguiu caminho, perante o olhar fixo do morto, rígido como um comedor de ópio.

«Passou, à frente, um manequim enorme representando uma mulher sentada e coroada de estrelas, montada sobre invisíveis rodas dissimuladas no pedestal e impulsionada por dois homens que também se não viam, ao mesmo tempo que um terceiro fazia girar a cabeça, como se esta pertencesse a uma mulher viva e, de tempos a tempos, aquele prodigioso simulacro falava, mas eram os homens que berravam no interior da máquina:

«— Eu sou a Democracia da América, terra das mulheres grandes e dos homens turbulentos que hão-de procriar gigantes maiores do que as mais altas sequóias.

«Vieram depois o conselho dos bispos e os colégios dos padres menores seguidos de alguns Chamanes da raça Utah, e atrás deles o carro das Escrituras e da Imprensa onde haviam encafuado os papiros de Abraão, os manuscritos da tradução do Livro de Mórmon, da autoria de Joseph Smith, os primeiros livros e os primeiros jornais impressos pelos mórmons, e, guiando e rodeando esse carro puxado a bois, vinham os descendentes da família de Joseph Smith; e em cima do carro, o patriarca, mancebo que, de olhos fechados, segurava um cofre de prata que continha o urim e thummin, instrumento divino da clarividência.

«Um rancho de raparigas, vestidas de musselina branca, arvorava os estandartes com as cores das várias nações do globo e, uns dez metros mais atrás, caminhava sozinho o Sr. Phelpsk, de olhos postos no chão, e todos o olhavam com terror pois corria o boato que era ele quem figurava o diabo nas cerimónias do 'endowment', ou seja, da dotação, e logo atrás vinha um grande bando de crianças empunhando tabuletas com endereços escritos em caracteres mórmons e essas crianças cantavam num tom que por vezes lembrava o riso do ganso, qua-qua, e outras vezes, empolando-se de súbito como um som de trombeta, evocavam, essas vozes juvenis, o grito do grande cisne do norte.

«Finalmente, em filas cerradas, precedendo a multidão dos fiéis, avançavam, à conversa uns com os outros, os notáveis mórmons. Lubel Perciman saiu das fileiras e veio cumprimentar suas esposas que o acompanhariam a jantar a casa de Kimball, onde se representaria uma comédia seguida de baile. Aproximando-se de Pamela, perguntou-lhe se ela se acostumaria à vida dos mórmons e acrescentou:

«— Não ignorais, Pamela, que os meus desejos ainda não foram satisfeitos. Sou vosso marido, mas ainda não exerci os direitos de esposo. Respeitando os escrúpulos que poderíeis sentir, abstive-me de insistir, ontem à noite. Esperava

pela festa de hoje, esperava que o Profeta proclamasse a revelação a respeito da poligamia. Doravante, a pluralidade das esposas passa a ser um dos nossos dogmas e assim é que em toda a santidade me unirei esta noite a vós.

«Mas Pamela não o ouvia. Passavam, nesse momento, ao trote dos seus cavalos, os Danitas resplandecentes de brancura e os olhos dela não conseguiam despregar-se do que seguia à cabeça, cuja máscara por instantes se virou para ela. Também, por entre a multidão que via a procissão passar, alguns oficiais federais sorriam quando o seu olhar se cruzava com o desta ou daquela mórmone e Pamela reparou que um deles se virava constantemente para o sítio onde se encontrava o grupo das esposas do Profeta. A esposa n.º 19 virava-se amiúde para o dito oficial e os seus olhos tinham a cor do mirto molhado. Estavam separados por um grupo de gente onde se encontrava um judeu chamado Chéri de Mendoza, o qual se inclinara ao ver passar, pomposamente dispostos no carro, os papiros autógrafos de Abraão. Logo, porém, reatara uma viva discussão com o chefe utah Milopitz, que se encontrava perto e lhe respondia brevemente, no seu inglês gutural, sem f, devido à impossibilidade que experimentam as gentes da sua raça de pronunciar essa consoante. O Utah abordara Chéri de Mendoza tratando-o de meu irmão e o judeu, que o não conhecia, pergurantara-lhe qual a razão dessa familiaridade.

«— Pois não sabeis — respondera o índio — que, segundo o testemunho dos Mórmons, nós somos da mesma raça?

«E Chéri de Mendoza reflectira de cabeça baixa, enquanto passavam as relíquias de Abraão.

«— Assim o creio — disse ele, erguendo a cabeça. — Há bastantes analogias entre os costumes rituais das nossas duas nações. Por outro lado a palavra Uta, que se pronuncia sensivelmente da mesma maneira que a palavra alemã que serve para designar os judeus, poderá indicar uma origem judaica. Deveis no entanto confessar que os nossos espíritos em nada se assemelham, pois se é facto que o espírito das tra-

dições nos anima, as desgraças por que nós outros passámos a nossa posição no seio de raças tão diferentes da nossa, dotaram-nos de uma real faculdade de compreender e utilizar todas as novidades. Nós temos um espírito prático, não só em relação às coisas materiais, mas também a tudo que é do domínio da inteligência e da alma. Vós, pelo contrário, embora agarrados às tradições, não sabeis conservá-las em toda a sua pureza, isto é, vivas e modernas. Vós sois a plebe das dez tribos, nós os príncipes da tribo real de Judá. Esta diferença explica a decadência em que vos encontrais, tal como explica também o nosso génio, que é o de dominar mediante o açambarcamento das riquezas e a judaização dos ritos, já pouco faltando para que a judaização da bacia mediterrânica seja um facto reconhecido. Lembro-vos, por outro lado, senhor Uta, que abri em Main Street uma loja de quinquilharia e antiguidades e que vos pagarei por bom preço tudo quanto vos aprouver vender-me, pois me é fácil colocar quaisquer objectos inusitados ou arqueológicos, tais como armas, tecidos, coiros, trabalhos em penas, pedras gravadas, esculturas ou cerâmicas, não só em casas particulares do Leste, como em museus da Europa.

«E Chéri de Mendoza, que era um belo exemplo da judaização de que era arauto, atestava, em toda a sua pessoa, que ao sangue israelita se viera misturar o sangue negro e o sangue chinês.

«O chefe uta Milopitz olhava com ar grave e não isento de desprezo para aquele indivíduo que, sendo talvez da sua raça, lhe propunha a venda de honrosos testemunhos de um passado glorioso. Abanou a cabeça e virou-se para a esposa que, aguentando às costas um pesado fardo, se conservava a seu lado, humilde e curvada. Ambos pesonificavam a ignorância, a superstição, a estupidez e a lubricidade, algo de mais baixo do que a plebe e, contudo, sem o saberem, era sobre eles que se modelavam o Estado, os costumes e as crenças, pois, tal como o homem se fez do limo da terra, também as nações brotaram da plebe.»

VI

«Confesso — disse Elvira —, confesso que sinto pela minha avó uma viva admiração. Ela ainda podia resistir aos homens, ao passo que hoje, as mulheres, embora tenham mais direitos do que antigamente, mais dificilmente resistem aos desejos viris, e isso mesmo quando, como é o meu caso e, pelo que me é dado supor, o de minha avó, são atreitas a gostar de mulheres em geral e sujeitas a inclinações por um reduzido número de homens. Logo à noite, vou já começar a fazer o retrato de um Danita. É curioso, creio que terá os traços de Pablo Canouris.»

«Palavra de honra — disse o Sr. Mahner — que nunca me lembro de ter visto um Danita sem a sua máscara verde.

«Mas faz-se tarde, deixei-me arrastar pelas recordações, vou procurar abreviar o resto da minha narrativa.

«A mesa fora posta na sala do Social Hall. Encontravam-se presentes Kimball, que dava a festa, rodeado de suas esposas, Brigham Young e toda a sua família, Lubel Perciman e o seu harém, e mais outros mórmons com as respectivas mulheres. As famílias não estavam agrupadas, mas havia-se alternado os sexos, ficando Pamela colocada entre Chéri de Mendoza e James Ferguson, oficial da milícia do Utah, além de advogado, orador e actor. Era homem dos seus trinta anos, robusto, enérgico e espirituoso; os seus dotes de sociedade tornavam-no requestado em todas as festas; se bem que

solteiro, assacavam-lhe um adultério, e os mórmons, embora lhe reconhecessem os méritos, não deixavam de temê-lo. Em frente de Pamela encontrava-se o oficial federal, tendo à sua esquerda a esposa n.° 19 e à sua direita a loira actriz que se encontrava em 'tournée' em Salt Lake City.

«Criados negros serviam à mesa, sobre a qual se viam candelabros acesos e, em vasos de cerâmica local, flores artificiais de cera, de formas extravagantes, um dos trabalhos em que são exímias as mórmones.

«Serviram primeiro, como entrada, rãs, raízes de Canash e cebolas, que servem de alimento aos Índios, e vinho de Catawba, que é o produto dos vinhedos da margem do Ohio.

«Ouviu-se com atenção Chéri de Mendoza gabar o sabor das rãs assadas:

«— É um prato antigo — dizia ele — e no entanto, para os Europeus, trata-se de um alimento novo, que repugnaria a mais de um branco, mesmo daqueles que se julgam livres de preconceitos. Longe de prejudicarem os hábitos e as saudáveis tradições, as novidades, muito pelo contrário, enriquecem-nas, vivificam-nas, fecundam-nas. Assim também os sábios polígamos do Utah, em vez de atentarem contra a tradição da família, ainda mais a engrandecem e fortificam, alargando as suas fronteiras.

«Bringham Young, que o ouviu, dirigiu-se-lhe com as seguintes palavras:

«— Os mórmons são um povo de eleitos, situados numa esfera espiritual muito especial, o que lhes permite abstraírem-se, quer das leis humanas, quer das riquezas supérfluas deste mundo.

«E servindo-se de Catawba, o Profeta ergueu o copo na direcção de Chéri de Mendoza, que primeiro brindou às damas e a seguir ao Profeta.

«Os pretos apressaram-se a mudar os pratos e os talheres, sendo servidas, seguidamente, trutas salmonadas do lago Utah, ao mesmo tempo que se erguia o pano da cena que se encontrava ao fundo do salão.

«No papel de cenário, amarelo, destacava-se o Olho-que-Tudo-Vê, e então um mancebo que figurava a Europa e uma donzela que representava a América, vindo cada um de seu lado, abordaram-se com um sorriso, seguindo um diálogo do qual me recordo quase por inteiro, pois no ano seguinte fizeram-no-lo decorar na escola.

A EUROPA

Ofereço-vos, Nações, a ordem e a beleza
De ruínas tão gráceis como donzelas
E os meus rios iguais aos versos dos grandes poetas
E todas as minhas escravaturas, todas as minhas realezas,
Todos os deuses encantadores que fazem a minha fé e a mi-
[nha arte,
Todos os povos turbulentos e as odoríferas flores.
Vós, Igrejas, onde tuas avós e teus crentes vinham ajoelhar-se,
Ó velhas casas, alimentadoras do progresso,
Encruzilhadas onde cada idade escolheu o seu caminho e daí
[partiu,
Pátrias, Pátrias, Pátrias de cujas bandeiras me visto,
Fantasmas, ó floresta do génio onde cada árvore é um nome
[de homem,
Floresta que caminhas às arrecuas sem te afastares,
Eu sou todos os fantasmas, todas as sombras,
As pátrias, as cidades, os campos de batalha
Ó América, minha filha e filha de Colombo.

A AMÉRICA

Homens que sofreis, mulheres que amais e vós, crianças, [vinde
Esgotar a água do segundo baptismo
No pequeno lago azul onde o Mississipi se vem abastecer.
Sou a esperança dos grandes espaços e o futuro sem recor- [dações
Entre os bandos de cavalos selvagens oriundos dos cavalos [da Europa,
Cabriolam rebanhos de jovens ideias saídas das ideias da [Europa
E novas verdades se revelam aos que se cansaram das an- [tigas.
Verdades que cantam ou choram ou rezam ou desatam a rir
E preparam novos trabalhos.
Um deus novo delineia-se na sua canoa de pinho,
Uma deusa penteia-se a cantar no meio dos prados onde o [arroz selvagem amadurece
E outros deuses reclamam por heróis.
Há também a chegada de um navio.
Ouvi dançar lá longe equívocos viandantes num arraial de [bairro,
Ouvi também, ao longe, para lá do horizonte, a queixa,
O queixume de quantos vão morrendo na Europa com a sau- [dade
Daqueles prados onde o arroz selvagem amadurece à beira [do Mississipi
E dos negros ciprestais envoltos de argêntea tillandzia!

«A Europa e a América deram as mãos e cantaram em coro:

O mar separa os dois esposos
São as ingentes núpcias de dois continentes.
De um deles jorra um navio através do oceano,
A Europa fecunda a América,
A Europa, palavra viril na linguagem diplomática
Ou seja, internacional, que vem a ser o francês.
Ouve-se distintamente o artigo masculino,
Enquanto o artigo feminino marca bem
Na língua das Nações, ou língua francesa,
O sexo da América,
A Europa estende freneticamente a rígida península de Amor
E a América expõe-se, toda aberta,
Lá, onde o istmo húmido nos trópicos estremece.
Amor sublime, nascem nações desse desmedido casal
Cujos esponsais os elementos favorecem.
O navio prossegue na sua viagem fecundadora,
Os ventos enfunam as velas, e gemem,
E gritam a volúpia dos gigantes que se amam.

«E nesta altura uns meninos vestidos de Índios e umas meninas vestidas à dama antiga puseram-se a dançar à roda da Europa e da América, que se beijaram no meio dos aplausos de todos os convivas. Permitiu-se, depois, a entrada a alguns amadores de teatro que vinham assistir à representação de **Jedediah o Grande.** Haviam pago o seu bilhete em géneros: melões, loiça de barro, etc.

«As mesas foram levantadas por chineses e, nesse entrementes, os pretos tocaram uma música ao som da qual todos desataram a dançar à moda dos mórmons, ou seja, um homem com duas mulheres. Entretanto, foram-se alinhando bancos e cadeiras, após o que o palco se iluminou, se apagaram as luzes da sala e, como prosseguisse o baile enquanto se

esperava pelas três pancadas que anunciavam o espectáculo, abriram-se as portas de súbito e alguns oficiais federais penetraram no salão. Soldados iluminavam-nos com archotes.

«Toda aquela gente parou de dançar e Kimball encaminhou-se para os recém-chegados, a fim de protestar contra aquela intromissão, mas já cinco oficiais se precipitavam sobre as mórmones e as agarravam e as arrastavam para a saída, antes que os mórmons tivessem tempo de o impedir. O oficial federal que assistira à refeição e que dançava nesse momento com Pamela e a esposa n.º 19, impeliu-as para os seus camaradas; e já todos se encontravam no meio da rua, muito antes que o oficial da milícia Ferguson que, desempenhando um pequeno papel na peça de **Jedediah o Grande** se maquilhava nos bastidores, fosse em sua perseguição ajudado pelos Danitas.

«Os raptores, que tinham os cavalos cá fora à espera, içaram os seus preciosos fardos meios desmaiados para a garupa, montaram e galoparam para fora da cidade.

«Foi uma corrida desenfreada, na qual Pamela, mais morta que viva, mas resignada a tudo, se deixava levar. Ao fim de uma meia hora, pareceu-lhe que, na sua peugada, vinham outros cavalos. Os raptores aceleraram a corrida, mas os perseguidores ganhavam terreno, iam-se aproximando. Não tardou a haver tiros; o cavalo em que Pamela ia, foi-se abaixo, Pamela desmaiou e, quando veio a si, deparou com o rosto vendado de um Danita de lágrimas de oiro que a contemplava. Disse-lhe:

«— Obrigada por me teres salvo.

«Ele respondeu:

«— Lamento só vos ter salvo a vós, as outras foram levadas pelos gentios.

«Pamela pensou imediatamente na esposa n.º 19 e disse para consigo: "Escapou-se, que era o que ela queria."

«Neste momento chegaram outros Danitas que tinham ido buscar uma mula para Pamela e esta voltou para Salt Lake City sentada na sua mula, levada à arreata pelo Danita esplenderoso que a subtraira aos seus raptores.

«Lubel Perciman, que estava à sua espera, mostrou sinais de regozijo. Ninguém, todavia, viu aparecer nesse dia, nem em toda a semana seguinte, Brigham Young, cuja esposa preferida se fora para todo o sempre.

«Quando a noite caiu, silenciosa, e a Lua derramava uma luz viva e fria, o elder Lubel Perciman, bem barbeado, envergando umas calças de linho azul, os pés descalços metidos nuns mocassins enfeitados de vidrilhos versicolores, desejou conhecer a fundo as doçuras conjugais e penetrou no quarto de Pamela. Sorria, pois sabia que, lá fora, os Danitas velavam pela felicidade dos mórmons. As pálidas estrelas serviam, até ao infinito, de suporte aos deuses todo-poderosos e, para além desses deuses, outros deuses mais poderosos ainda enchiam a plenitude do mundo de uma energia incriada e sem limites.

«Erguendo o candelabro que empunhava, o elder Lubel Perciman olhou-se, primeiro que tudo, ao espelho. Achou-se bem penteado, agradou-se do seu rosto magro, e os seus cabelos amarelos pareceram-lhe como que o fulcro luminoso que alimentava o luar dessa noite americana. Lançou, depois, um olhar para o leito baixo onde deveria dormir a vossa avó, semelhante, então, a uma deidade exilada e extenuada de cansaço. Mas o candelabro quase caiu das mãos do elder Lubel Perciman, pois o leito estava vazio. Pamela escapulira-se mal chegara, e o que eu sei a respeito da vossa avó vai ficar por aqui, visto que ela não tornou a aparecer no meio dos Mórmons e não mais se ouviu falar dela, bem como, aliás, do Danita. Pensou-se que teria fugido com ele, mas fez-se silêncio sobre tudo quanto se lhe referia, pois se receava a ira do elder Lubel Perciman, que nunca mais se lhe referiu. Eu, pelo meu lado, nunca mais ouvira uma palavra acerca dela, até ao dia em que o diabo do meu sobrinho me veio recordar, a vosso pedido, essa linda e rebelde rapariga, de cabelo em desalinho, que, ao aparecer na praça da União vestida à maruja, tanta impressão causou aos Santos-do-derradeiro-dia. Esquecia-me de dizer que aos poucos se foi espalhando o boato de que o Danita desaparecido ao mesmo

tempo que a vossa avó, outro não era senão o próprio anjo Moroni.»

«Um anjo — exclamou Elvira. — Pois já me parece, a mim que sou neta dessa cuja história acabais de contar, que sinto crescer umas asas, mas palavra que faço os possíveis por as reter, pois me interessa continuar mulher e não tenho, suponho, nenhuma vocação para aviadora.»

«Enfim — acrescentou o Ovídio de fantasia — à sua avó não faltava nem bom senso nem honestidade, uma vez que voltou para a sua terra e aí se casou e criou raízes. Não será o bastante para ajuizar do valor moral da poligamia legal? Os Franceses nunca serão mórmons, como nunca serão Turcos! E olhe que haverá repovoação à mesma! A repovoação, bem vistas as coisas, é, acima de tudo, uma questão de propaganda.»

VII

Ferido durante uma patrulha, conduzido em ambulância ao hospital auxiliar, Anatólio de Saintariste chegou certa manhã ao Val-de-Grâce e, logo das primeiras vezes que saiu, constatou que Paris já o não espantava tanto como quando viera de licença; encontrou Corail, que vira uma vez, antes do começo da guerra, pois passara a ser, a partir de Dezembro de 1913, a amiga de um amigo seu: Jacinto Brionne, que acabava de morrer na guerra. Estabeleceu-se entre eles uma ligação, ela não o largava um só instante, enquanto que ele, convalescente, retomava, por assim dizer, a mesma vida que levava antes da guerra, frequentando um meio de jovens escritores e de pintores da vanguarda.

Todos os sentimentos religiosos de Anatólio de Saintariste se haviam transferido para o campo da honra social. Amava acima de tudo o seu país, ou melhor, a colectividade por ele constituída, e desejava que a França fosse, não só ciosa das suas tradições, como também extremamente arrojada no que dizia respeito ao progresso. É por isso — dizia ele um dia — que as próprias ruínas me deixam comovido, tal como o espectáculo de uma mulher grávida nos pode comover. Apercebo-me já do que irá sair dessas ruínas. E, por muito comoventes que sejam, os mortos, para mim, só conseguem evocar o próximo repovoamento da França. É pre-

ciso que, dentro de cinquenta anos, ela se tenha tornado uma nação de cem milhões de habitantes.

«Institua-se o mormonismo — replicou o Ovídio imaginário. — Que cada homem faça filhos a várias mulheres.»

Nesse mesmo instante, dizia Pablo Canouris para Elvira:

«A partir do momento em que o Nicolau se foi embora e tu és minha amante, não há razão para que continues em sua casa. Vem viver comigo.»

Mas Elvira, cujos olhos cintilavam de malícia, lembrava-se de que a sua amiga Mavise estava em casa à sua espera e, enquanto apertava o braço de Pablo Canouris, pensava nas carícias infinitamente doces, não naquelas que poderia receber, mas, isso sim, nas que sabia fazer, as quais só poderiam tocar um coração de mulher. Haviam feito uma excursão aos 'ateliers' de Montmartre e, ao cair da noite, regressaram a pé a cantar:

É a filha da Fatmá,
A que mora na Casbah
Lá nos confins da Argélia.
Não é muito bela, bela,
Mas ali naquela terra
Todo o sidi vai por ela.

Posto o que, uma vez em Montparnasse, cada um foi com a sua para seu lado.

Perguntou Anatólio a Corail:

«Nunca enganaste o Jacinto, enquanto ele foi vivo?»

«Claro que sim» — respondeu Corail.

«E ele soube?» — perguntou Anatólio, com indizível sofrimento.

«Desconfiava — respondeu Corail. — Dizia-mo por carta, ficou muito combalido.»

«Com quem?» — perguntou Anatólio, enquanto as lágrimas lhe assomavam aos olhos.

«Com um judeu — respondeu Corail — um judeu que estava no... de artilharia, mas que lá conseguiu safar-se sem ir parar à frente. Nem sequer ia dormir à caserna, a Nanterre; tinha alugado ali uma pequena vivenda.

«Durante os primeiros oito meses de guerra, nunca enganei o Jacinto. Eu tinha uma amiguinha, a Genoveva, com quem saía e que acompanhava frequentemente a Nanterre, onde ela tinha o seu amigo. Renato, o tal judeu, viu-me e foi atrás de mim até ao comboio que nos levava a Paris. Já na carruagem, fez-nos rir tanto que não pudemos deixar de meter conversa com ele. A partir daí, foi um ápice. Eu não gostava dele, mas ele era tão divertido e eu aborrecia-me tanto! Mais tarde, certa vez que discutimos, torci-lhe a mão com tanta força que lhe parti o dedo mindinho. E ele conseguiu fazer crer que o tinha partido em serviço, pelo que lhe deram baixa.

«Quando o Jacinto veio de licença, já desconfiava de qualquer coisa, pois a maior parte das cartas que eu todos os dias, lhe escrevia tinham o endereço de Nanterre. Confessei-lhe tudo. Não teve coragem de me censurar, mas pareceu-me de tal modo tresloucado que logo vi que ele iria matar-se. Tomei aversão ao judeu e veio-me um grande desejo de morrer.»

Anatólio de Saintariste nada disse, mas teve uma visão da morte heróica e desolada do pobre maqueiro Jacinto Brionne, morto no acidente da mata des Buttes, no Aisne, para lá de Pontavert, diante da Ville-au-Bois.

Enquanto os Franceses se preparavam para o assalto, o bonito bosque encheu-se de rumores de antanho: ruídos de armas, de lanças e de escudos. Silenciosas tropas avançavam e dispunham-se sob o arvoredo.

Anatólio, que em imaginação evocava esse espectáculo guerreiro, viu a eneada daquelas que são capazes de cometer toda a espécie de façanhas. São eles as abelhas das batalhas de todos os tempos. Mas isso não significa que os nove mais famosos sejam todos eles vencedores.

Surgiu-lhe uma miragem da Judeia, montanhas, torrentes, blocos de jaspe verde, aqui e além arbustos espinhosos, troncos podados. O primeiro dos mais famosos passou, precedido de tocadores de trompa, e então Josué gritou:

«O importante não é alimentar o nosso povo. Há que dar-lhe a terra prometida que produz vinhas miraculosas e nascentes de leite. O importante não é quebrar os bezerros de oiro, pretexto de danças e canções. É preciso ser-se muito ignorante das leis da natureza para deter o sol de oiro, para que a sua luz seja uma pretexto de vitória. Pois o que importa não é que todo o homem seja feliz, mas que todo ele tenha aquilo que lhe foi prometido. O mesmo sucede com os povos, os povos aspiram às vitórias e à destruição dos outros povos. O gesto da minha mão em direcção ao Sol é o mais belo monumento da ignorância e do poder humano, sobre-humano. A minha memória! O Sol deteve-se, arrefeceu, e durante a noite solar, os inimigos, cansados de sol, iam-se embora!»

No mesmo cenário da Judeia, passou David, o segundo dos mais famosos, a lamentar-se:

«Batalhas? Batalhas pelos vossos amores. Ninguém, pobre de ti, esperará, pelo teu regresso. Os que partem serão esquecidos, os seus povos não os recordarão, as suas mulheres não os lamentarão. Combates singulares. E isso é o que eles têm de melhor. Não implicam partida, percurso ou **retorno. Cada guerra é um pecado de amor.** Eu, por mim, que fiz? Única e simplesmente esta guerra por causa de um adultério. Betsabé que banhava seus pés num tanque, por baixo dos meus terraços, no jardim de cedros e ciprestes. As mulheres não gostam de guerras nem de guerreiros, mas de jardins de cedros e ciprestes, de palácios com terraços e de reis que tergiversam. Velhos reis que não partis para a guerra, lembrai-vos de Moisés que fabricou um anel de esquecimento para amortecer os impudicos votos que Taibe alimentava por ele. Poderosos reis, reis barbudos que partis para a guerra, lembrai-vos de Moisés que fabricou um anel

de memória para Séfora, sua mulher, quando dela se separou para ir à corte do faraó.»

E no mesmo cenário da Judeia, esmagado pelo elefante, rodeado de mortos e moribundos, Judas Macabeu, terceiro de entre os mais famosos, dizia num estertor:

«Inimigos do vosso povo são as bestas. Há que matá-las até morrer. As batalhas devem-se transformar em caçadas. Matai a besta antes do homem, mas morrei debaixo dela se esperais vê-la morrer sobre vós. O estertor de um homem merece mais que uma hecatombe. E todos os dias, ó virtuosos, oferecei animais para o sacrifício. E todos os dias, ó bravos, vencei a repugnância e sede carniceiros perante os sacerdotes prontos a interpretarem as entranhas das vítimas sobre os altares dedicados por um grande povo ao seu vero Deus.»

Uma miragem da Ásia Menor, pantanosa paisagem de Tróade, curso do Simois e do Escamandro. Um herói ensanguentado, Heitor, o quarto dos mais famosos, dizia:

«Defendei-vos, ó povos. Desfazei-vos dos intrusos, guardai os vossos deuses, os vossos verdadeiros deuses, não acrediteis na virtude dos simulacros salvadores. E se vos não repugna uma guerra de dez anos, um dia virá em que, herói, tereis uma morte heróica. Pois, tanto para os povos como para os homens, e mau grado os deuses, os seus verdadeiros deuses, um dia virá em que se ouvirá o canto da fêmea do alcíone, e neste caso ela está perto, ela, a morte que aí vem dançando, batalhando, umas vezes mulher, outras vezes homem, e nessa altura nada há a fazer, de nada vale o valor ou a invulnerabilidade. Homem ou povo, cai-se no campo de batalha e ai dos vivos, homens ou povos, que são feitos escravos. Porém a derrota, vergonha dos homens e dos povos, é a felicidade das mulheres e das nações que choram e politicam, que cantam e se revoltam, que se prostituem e se afeiçoam a outros homens, aos pés de outros deuses.»

Apareceu uma miragem da Grécia, paisagem do sul, silêncio pânico, rochedos estéreis, templos brancos, pinheiros e o mar com suas ilhas; e dizia Alexandre:

«Nem as mais doutas lições nos ensinam a moderar a sede das conquistas e a sede física. Que homem há mais sedento do que um guerreiro, após um dia de combate? Que conquistador poderá mostrar-se magnânimo, se nunca conheceu a derrota? Quanto à bravura, só reconheço a dos Argyráspides, uma coragem pomposa, calma e anónima, que permite suprimir a ilusão das recompensas. Se vós, reis, não sois filhos de um deus, renunciai às conquistas, pois os impérios serão de curta duração se os povos conquistados vos não elegeram como seu deus, durante a paz política que sempre se segue às campanhas vitoriosas. Mas que recordações essas, as das batalhas! O teu carro real, designado em intenção dos teus e do inimigo por flâmulas onde está inscrito o teu nome, fende célere as tropas amontoadas cujas lanças são tão numerosas, a perder de vista, como os pêlos de um javali. Embriagas-te de clamores, ao verem-te reanimam-se os soldados prestes a desistir e a tua audácia decide de uma vitória, a qual implicará perda da independência para algum povo policiado ou selvagem que tu tornarás, a teu bel-prazer, um povo de escravos. A menos, todavia, que os vencidos tenham a audácia de quererem ser um povo de mártires.»

Paisagem latina de vivendas, prados cultivados, onde César, o sexto dos mais famosos, chegava ao fim da sua arenga:

«O que se faz está bem feito. Nunca duvides de ti. Se há conquistas possíveis, empreendei-las. Que estranho sentimento aquele que não é ditado pelo desejo de vencer. Conquistam-se as mulheres e os povos. As primeiras conquistas tornam-nos calvos, as outras fazem-nos perder a estima dos homens. Mas, seja no que for, nunca nos devemos preocupar com o fim. Que importam os livros sibilinos, as sibilas e o voo das aves? Que cada um proceda consoante a liberdade que se aufere e não haverá crimes no mundo, nem quanto às

conquistas, nem quanto aos adultérios. Se és rei, age como rei. Se és povo, age como povo-rei.»

E tendo-se retirado César, as árvores do bosque des Buttes gritaram: «Soldados, soldados franceses!»

«Nem todos os de nomeada morreram e muitos deles estão ainda para nascer. O que aí vem morreu apenas para renascer e ser rei como outrora: é Artur, o sétimo digno da Fama. Prestai ouvidos ao que ele diz.»

«Soldados — dizia Artur — prestai-vos à morte para mais tarde renascerdes como eu. Que importam a morte e a távola redonda, se eu irei voltar ainda a reinar após a morte daqueles que são meus semelhantes? Existe um castelo com cinco torres. Uma no meio e quatro à volta. Estas quatro são brancas e bonitas. A do meio, porém, é vermelha. As brancas torres serão tomadas. A do meio resistirá. Ó minha Bretanha, ó doce França, adivinhai-me!»

O velho imperador Carlos Magno passou então, enquanto ao longe morria o antigo som da trompa, o qual não conseguia sobrepor-se ao crepitar da metralhadora, ao roçagar de seda dos obuses de passagem, ao ribombar dos disparos e ao estrondo produzido pelo impacto das balas e o velho imperador chorava e dizia:

«A verdade da guerra está na imobilidade das florestas, tão sábias como os Scobn da Islândia que me ensinaram os seus rudimentos! Ouves, ouves esses bosques marcharem e cantarem selvaticamente?»

Voltou a aparecer a ardente e magra paisagem da Judeia, e o nono de entre os mais famosos, Godofredo de Bulhão, proferia estas palavras:

«De joelhos, mais que de pé, e guerreia longe da tua terra natal. As mãos dos barões são as escravas da terra. Os braços dos lavradores são os amantes do solo que fecundam. As raparigas não devem ser escravas no seio da sua própria família. É necessário que o guerreiro viva longe da sua terra natal, é necessário que viva no exílio e na inquietação. E a morte é bela quando se luta por uma grande e santa causa. Vem, ó noite, ó noite mais bela do que o dia!»

E enquanto a sua glória eterna brilhava ainda ao longe, a Eneada desaparecia. Ficou apenas a atroz tristeza da batalha; o maqueiro ajoelhado não pensava na Eneada da bravura nem no perigo em que se encontrava, pensava apenas em Corail, naquela mocinha a quem amava e que o amava a ele, mas sem constância. Estava triste, tão triste que sentiu que ia morrer e, vendo que um dos seus camaradas ferido gritava por «socorro!», apressou-se a socorrê-lo; e foi então que uma bala de metralhadora o atingiu em cheio no peito e ele caiu morto, sem mais sofrimento, enquanto o nome adorado de Corail lhe expirava nos lábios. E aqui Anatólio de Saintariste, regressando ao tempo presente, beijou a mão de Corail.

Nesse momento cruzaram-se com Elvira e Pablo Canouris, que se beijavam junto ao cemitério de Montparnasse.

Anatólio disse para Corail: «Não olhes para eles», e Canouris disse para Elvira: «Agora que o Saintariste e a Corail nos viram aos beijos, toda a gente ficará a saber que és minha amante e, assim, mais uma razão para vires viver comigo.»

«Mas que ideia essa, Pablo! — disse Elvira.— O Nicolau regressa amanhã da guerra. O médico-chefe do hospital do governo de Ruritânia reclamou-o como indispensável. Acabou-se tudo entre nós.»

«Pois bem! — disse Canouris. — Se tu me deixas, vou ter com a irmã do Nicolau e conto-lhe tudo.»

«Ah! que nojo me metes! — disse Elvira. — Se eu soubesse, nunca teria gostado de ti. Odeio-te, deixa-me em paz.»

E desatou a correr em direcção a casa. Mas Pablo Canouris foi atrás dela. Alcançou-a no momento em que ela tocava à porta. Lutaram com paixão e Elvira teria acabado por ceder, se Pablo não tivesse escorregado no passeio. Caiu de joelhos, o que ela aproveitou para entrar e fechar a porta que o porteiro há já um bom bocado abrira.

E todo o resto da noite ouviu ela Pablo Canouris tamborilar nas persianas do rés-do-chão, aos berros: «Elbirra, escutcha-me, abrre a puerta, eu amo-té, eu adoro-té e sé tu

no me obedeces eu mato-té com o meu rebolber. Elbirra, eu té juro qué conté tudo ao Nicolau e a su hermã. Abrre, Elbirra: o amorre soy eu; o amorre és la paz, e yo soy o amorre porqué soy neutrro, e ele és a guerra. A guerra no és amorre, és ódio. Por esso tu detésta-lo e mé amas a mi, minha Elbirrita, abrre-me, abrre a tu Pablo que te adorra.»

VIII

«Em fins do primeiro semestre de 1915, enquanto os Austro-Húngaros atacavam G..., deu-se um facto singular, digno de ser inscrito nos anais do Amor.

«Permita-me que cale os nomes desta história e apenas mencione as suas iniciais.

«De raça polaca, o comandante da artilharia que atacava o sector, era o conde Pr..., o próprio primo do comandante da artilharia russa, o conde Cs... A guerra criou penosas situações como esta, às famílias dispersas da devastada Polónia.

«Riquíssimo, muito embora se encontrasse "ao serviço da Áustria", o conde Pr..., senhor de vastos domínios naquela região, ali vivera durante largo tempo, antes da guerra, tendo-se mesmo visto constrangido a lá deixar a sua amiga, uma mercadora rechonchuda e bem lançada, de olhar voluptuoso e exímia como música, a qual andava feita, há já algum tempo, com o conde Cs..., comandante da artilharia russa. Este, por seu lado, deixara para lá das linhas uma amante a quem amava com fervor. Viúva havia apenas um ano, essa jovem patrícia, que pela primeira vez conhecia os prazeres do amor, desolava-se por se ver separada do amante, e o conde Pr..., que tivera o ensejo de lhe ser apresentado antes de se tornar o inimigo, o invasor, fazia-lhe, em vão, uma corte extremamente assídua. Não esquecera, contudo,

a sua música, a mercadora de G..., e, também ele músico e compositor de talento, teve a ideia de se fazer lembrado junto da amante mercê de um concerto, misto de alvorada e serenata, como jamais amante algum se lembrara de lisonjear o ouvido da amante. Depois de ter avaliado o som dos canhões, de modo a conhecer o timbre, a altura da nota que sairia do seu âmago, compôs uma pavorosa sinfonia, a qual fez executar às suas baterias; e o seu rival, o comandante da artilharia russa, não menos músico do que ele, percebeu-o de tal modo bem que a esse terrível concerto somou as notas tão selvagens, mas infelizmente menos potentes, dos seus canhões, completando assim a horrível sinfonia do seu inimigo. Era nada menos que música de câmara. E esse concerto portador de morte durou assim dois dias e duas noites, aterrorizando quem o ouvia e muito embora não pudesse impedir-se de admirar a sua tenebrosa e magnífica harmonia, teria preferido não o ouvir.

«Na segunda noite, o conde Pr... mandou lançar sobre a cidade de G... obuses de gás sufocante aos quais, recordando-se das "alcancias" dos Moiros de Granada, mandara misturar subtilíssimos perfumes, que cobriram de bálsamos a cidade assediada, e até madrugada foi uma sucessão dos mais variados e violentos odores, ao mesmo tempo que, na frente, as trincheiras eram iluminadas por uma maravilhosa pirotecnia de foguetões de todas as cores, que subiam uns atrás dos outros e morriam de mansinho. A guarnição russa e a quase totalidade da população de G... pereceram nesse concerto, bem como a amante do conde Pr..., que este foi encontrar morta sobre o cadáver do amante. Quanto à amante do conde, que até ali resistira aos desejos do vencedor, viu-se forçada a ceder à sua violência, mas nessa mesma noite apunhalou o conde Pr..., que acabara por adormecer a abarrotar de carne, bêbedo de hidromel e de tokay centenários, e posto isso, uma última rajada disparada de longe sobre baterias russas, deixou cair um óbus em cima do pequeno castelo onde vivia a jovem viúva, matando-a, de modo que, ao derradeiro acorde daquele sangrento concerto,

nenhum dos quatro amantes polacos se encontrava vivo.»

E a princesa Natália Teleschkine acrescentou:

«Tive conhecimento desta história por uma carta que chegou da Rússia. Que haverá, em todos os tempos, de mais precário que o amor? Não se admire então, meu caro Pablo, que em tempo de guerra ele ainda mais o seja.»

E ia pegando, uma a uma, nas cartas que Elvira havia escrito a Pablo. Depois do regresso do seu amante Nicolau, Elvira zangara-se com Pablo, voltara para junto daquele, e a vida ia correndo sem sobressaltos. Nicolau cada vez se interessava menos por Elvira, andando, por seu lado, com pequenas actrizes que vinham representar de vez em quando ao hospital ruritano. Elvira sentia-se profundamente tocada e mais ciumenta do que confessava, pois dava-se muito bem conta das manobras de Nicolau, ao passo que este não se havia apercebido das intrigas de Elvira.

Veio a sabê-lo pela madrinha de guerra de um dos oficiais que recebiam tratamento no hospital. Esta tentara meter-se com Nicolau, mas ele acolhera-a sempre com uma certa frieza, tendo apenas saído com ela a tomar chá à rua de Rivoli. Chegara mesmo a apresentá-la a Elvira que passava agora metade do tempo na Coupole com o seu Pablo das mãos de azul e com os amigos deste. Nicolau, porém, nunca se decidira a cortejar a sério a madrinha do tenente Emanuel Verde-Croya, a linda Francine, que despeitada e desejosa de abreviar a almejada ruptura entre Elvira e Nicolau, lhe declarou, certo dia em que viera ver o afilhado ao hospital: «Você é corno, meu caro.» Mas teve uma crise de nervos quando, rubro de vergonha, ele lhe respondeu: «Não acredito.» E enquanto o tenente Verde-Croya saía do quarto a coxear, trauteando a cantiga de Chérubin

J'avais une marraine
Que mon coeur, que mon coeur a de peine. (1)

(1) «Eu tinha uma madrinha / Meu coração quanto pena.»

Nicolau, que realmente não acreditava, aproveitou, contudo, logo nessa noite, para fazer uma cena a Elvira e todo o Montparnasse, que estava ao corrente, fez os possíveis por separá-los. Só Elvira é que meteu na cabeça que havia de ficar com o seu Nicolau, e tão bem negou que negou tudo quanto lhe atribuíam, deixou de ir à Coupole e de ver Canouris, que lhe escreveu, tendo ela respondido, muito desabridamente, que a sua camaradagem acabara e, em parte para recuperar Elvira, em parte para que Nicolau, de quem era amigo, ficasse ao corrente do carácter da amante, Pablo, que para com as mulheres só usava de violência e que as desprezava, tomou a resolução de prevenir a irmã de Nicolau, para que a extensão do escândalo impedisse toda e qualquer reconciliação. Foi a casa da princesa Teleschkine e disse-lhe que gostava de Nicolau como de um irmão, que se sentia desolado por sabê-lo amancebado com uma rapariga como Elvira, apresentou-a como uma perigosa sereia de que ele próprio fora vítima, mostrou-a divertindo-se, antes dele, com aviadores ingleses, jornalistas americanos e um auxiliar do serviço de saúde.

Natália Teleschkine ouviu-o com uma alegria terrivelvelmente dolorosa, pois desde há muito desejava que o irmão acabasse com Elvira, embora temesse, por outro lado, que ele não suportasse, sem com isso sofrer muito, essa inevitável ruptura.

Pablo Canouris mostrou-lhe as cartas que Elvira lhe havia escrito, mas essas cartas só serviam para reforçar uma convicção moral, já que em si não eram comprometedoras. Eram amigáveis, nada mais. Mostrou, por fim, uns esboços que fizera de Elvira nua e uma fotografia onde ela também aparecia despida.

A princesa Teleschkine, que não necessitava de tanto para fundamentar a sua convicção, agradeceu a Pablo a prova de amizade que este acabava de dar em relação a Nicolau e a sua raiva a Elvira era tão grande que, se a apanhasse, tê-la-ia estrangulado, mas assim só pôde vingar-se num ramo que a amante do irmão pintara, o qual representava umas

peónias de um rosa berrante sobre fundo azulado. Lacerou-o. E Pablo, a quem o talento de Elvira seduzia, não pôde ver, sem certa pena, perpetrar-se à sua vista este acto de vandalismo.

Quando Nicolau apareceu à hora do chá em casa da irmã, esta pô-lo ao corrente com ares trágicos e ele, mais pálido que um morto, voltou logo para o 'atelier' e pediu a Elvira que se fosse embora, pois estava a par dos seus desvarios. Disse-lhe que doravante não necessitava mais de negar, que o próprio Pablo já havia contado tudo, e posto isso saiu para deixar Elvira fazer as malas e abalar.

Ao voltar, porém, não pôde entrar em casa porque a chave se encontrava na fechadura, da parte de dentro, e um forte cheiro a gás se emanava pelas frinchas da porta. Deu o alarme e, ajudado pelo porteiro, meteu a porta dentro, e deram então com Elvira asfixiada sobre o fogão de gás. O médico, que entretanto apareceu, viu-se e desejou-se para a fazer voltar a si, e Nicolau perdoou-lhe tudo, acreditou nas suas negações e dado que, na realidade, não havia provas de como Pablo tivesse falado verdade, Nicolau tomou as suas denúncias à conta do despeito por ele sentido ao ver que não conseguia apanhar Elvira.

Os desenhos também nada provavam, visto que Pablo podia muito bem tê-los feito de memória e a fotografia fora, no dizer de Elvira, tirada em Petrogrado. A prova que Pablo tinha em seu poder fora perdida por Elvira, ou até talvez Pablo a surripiasse num dia em que tivesse ido visitar os seus amigos. E assim, de toda essa história, apenas resultou uma indisposição que valeu a Elvira oito dias de cama, durante os quais o falso Ovídio de Pont-Euxin veio de visita ao 'atelier' da rua Maison-Dieu, em companhia do velho Otto Mahner.

Percebendo este que, naquela casa, o Eros lutava corajosamente com o Anteros, disse-lhes o seguinte:

«O vosso amor é como um óbus que um choque pode a todo o momento fazer saltar em mil pedaços. Há um assim na casa onde eu moro e onde mora também Moisés Deléchelle. Quando a guerra começou, tinha esse homenzinho

taciturno de corpo musical regressado há uns seis meses da América. Aí criara uma série de relações, mas pouco dinheiro conseguira trazer, de modo que, a partir de meados de Agosto de 1914, já havia comido todas as economias. Pensou então em servir-se das suas relações de além-mar e escreveu para mil e um sítios da América a propor a venda de troféus e recordações da guerra. As respostas recebidas nenhumas dúvidas lhe deixaram quanto à curiosidade que havia despertado na América a luta das forças europeias, sobre qual dos adversários recaíam as simpatias americanas, nem, enfim, sobre o sucesso que ali obteria tão heróica mercadoria. Mas justamente o que Moisés Deléchelle mais carecia era dessa mesma mercadoria. Os campos de batalha estavam-lhe, então, interditos devido à sua saúde, que o havia feito passar à reserva, e os combatentes ainda, nessa altura, não mandavam troféus para a retaguarda. Moisés Deléchelle consagrou a maior parte do dinheiro que ainda tinha à compra, nos ferros-velhos e em lojas de antiguidades, de objectos militares de toda a espécie, o mais baratos possível. Juntou desse modo uma série de capacetes franceses ou alemães da guerra de 70. Tudo o que conseguiu caçar nas lojas de sabres-baloneta reformadas pela Intendência, tudo quanto, nas imediações do Temple, encontrou de velhos quépis de oficiais, sabres dos quais alguns já datavam do Império, couraças, 'shakos', um boné de pêlo, um tambor, três clarins e uma bolsa de sabre, tudo isso ele reuniu. A colecção atingiu o auge quando ele se pôs a percorrer os arredores dos aeródromos para comprar destroços de madeira estilhaçada pelos aviadores. Embalou esses objectos com o maior dos cuidados e expediu-os para a América, onde foram imediatamente vendidos. Telegrafaram-lhe logo a renovar a encomenda, e assim o seu comércio ia de vento em popa. Ganhou com isso um dinheirão.

«Mas tudo passa. Os Americanos acabaram por descobrir que nenhuma daquelas recordações tinha algo a ver com a actual guerra e Moisés Deléchelle viu-se obrigado, sob pena de os seus depositários americanos o abandonarem, a procurar os meios de obter lembranças autênticas da guerra que estava a desenrolar-se. Obteve, não se sabe como, licença para acompanhar, numa visita às linhas avançadas, o correspondente de um jornal italiano. Foram de carro e Moisés fez uma ampla recolha de botões, capacetes alemães, baionetas e bonés redondos de feldgrau. Apanhou também um obus que não chegara a rebentar; porém, de regresso, o companheiro avisou-o de que possivelmente iria ter dificuldades com a alfândega municipal para fazer entrar em Paris um objecto daqueles.

«Lá ficou Moisés Deléchelle apoquentadíssimo. Logo aquele obus, que era a mais bela peça da sua colecção! Um belo obus de 77, intacto! Pensava vendê-lo por mil dólares na América.

«Uma hora de reflexão e ei-lo que acha remédio para o caso. Parou numa aldeola qualquer onde comprou um pão de quatro libras, que cortou ao comprido, e esvaziou-o cuidadosamente do miolo, que substituiu pelo precioso projéctil, o qual pôde assim dar entrada na capital. Mas ainda não tinha chegado ao cabo das atribulações, pois logo a primeira pessoa a quem falou do obus lhe expôs muito vivamente todos os perigos que pode acarretar a posse de tal objecto.

«— Se o vai mandar assim — dizem-lhe —, arrisca-se, se não a fazer com que o navio onde ele for embarcado vá pelos ares, pelo menos a ocasionar graves acidentes, isto já não falando na responsabilidade que assume com o facto. Tem que desarmar esse obus e mandar esvaziá-lo cuidadosamente.

«Muito pouco descansado, Moisés Deléchelle pôs-se à procura de um artilheiro que lhe desenroscasse a espoleta do obus e lho esvaziasse. Em Vincennes apenas encontrou artilheiros especializados em automobilismo.

«— Tem que procurar um subchefe pirotécnico — declarou-lhe um velho ajudante, mas, conquanto muito tivesse procurado, não conseguiu ele dar com nenhum subchefe, vivendo, desde então, em perpétuo transe. Guardou o obus, bem acolchoado com toda a roupa branca que possui, den-

tro do guarda-fato; mostrou-mo com mil e uma precauções e às vezes, de noite, acorda em sobressalto: parece-lhe ter ouvido um certo estalido dentro do armário e fica à espera de que, de um momento para o outro, o incómodo projéctil rebente e o mate, fazendo a casa ir pelos ares.»

E uma vez contada com a habitual prolixidade a história do obus, o velho Mahner despediu-se, com um sorriso, daqueles amantes cujos sentimentos a guerra tão profundamente havia modificado.

Elvira, que encontrava amiúde Pablo Canouris e o ouvia propor-lhe que fosse viver com ele, voltou a escutá-lo com complacência.

Um dia em que veio visitá-la, falou-lhe a linda Corail, com grandes elogios, de uma vidente que também era cartomante e tinha à sua disposição os mais variados métodos para consulta do futuro.

No dia seguinte foram ter com ela. Mme. Adonysia, viúva de um professor que a havia deixado sem recursos, desde o começo da guerra que predizia o futuro. Para se distinguir das demais videntes, lembrara-se de interrogar o bem-aventurado Jean Baptiste Vianney, cura de Ars, ou ainda o Mago Papus, de seu verdadeiro nome Doutor Encausse, que morrera há pouco. No dizer da clientela, os seus oráculos respondiam-lhe muito satisfatoriamente.

Não recebia homens em sua casa, onde só as mulheres eram admitidas. O montante de cada consulta era de cinco francos pagos adiantado e aquelas de entre as suas clientes que lhe pareciam mais discretas podiam, mediante a quantia de vinte francos, recorrer ao que ela chamava «a grande interrogação de guerra», a qual consistia em espalhar num prato a pólvora contida no invólucro de um cartucho Lebel e interpretar a figura esboçada pela pólvora assim espalhada.

Como Mme. Adonysia tinha Corail na conta de uma pessoa razoável e extremamente discreta, aceitou proceder, em intenção de Elvira, à «grande interrogação da guerra».

A pólvora respondeu que Elvira deixaria o seu actual amante para ir com aquele que lhe fazia a corte.

Voltou muito impressionada daquela visita. No dia seguinte, ao acordar, ouviu um cão uivar na rua. «Estás a ouvir aquele cão a uivar? — disse ela para Nicolau Varinoff. — Significa separação.»

Ele não fez caso, mas, de tarde, enquanto Nicolau foi de visita à irmã, Elvira correu a casa de Pablo e disse-lhe que decidira ficar com ele. Mostrou-se este, com semelhante decisão, de tal modo satisfeito, que logo, como era seu costume sempre que arranjava uma nova amante titular, lhe comprou um impermeável com o qual ela apareceu nessa mesma noite na Coupole, em companhia do seu novel amante.

No dia seguinte recebeu, da parte de Nicolau Varinoff, tudo o que lhe pertencia, vestidos, peles, material de pintura.

Mas logo ao segundo dia se cansou de Pablo. Escreveu a Nicolau, que lhe respondeu que viesse e, ao oitavo dia, valendo-se de uma ausência de Pablo, abandonou o 'atelier' do pintor das mãos azul celeste, o qual, ao recebê-la em sua casa, não tivera suficiente presença de espírito para lhe dizer que ela era ela mesma e para lhe confiar as chaves.

Porque as mulheres têm, hoje em dia, consciência da sua importância ímpar como guardiãs da vida social e da raça, cujos representantes machos fazem os possíveis por se aniquilarem. Dentro ou fora do casamento, só muito impacientemente suportam o jugo viril, querem ser senhoras do destino do homem e preocupando-se muito pouco com submissões, tomaram, doravante, gosto pela liberdade, pois, para salvar a raça humana, necessário é à mulher ter as mãos livres.

E foi por isso que, de regresso a casa de Nicolau Varinoff, que não achara conveniente conservar o seu domínio sobre ela e que, partindo para a guerra, lhe proporcionara o ensejo de saborear a sua liberdade, foi por tudo isso que ela se pôs a meditar no exemplo de sua avó Pamela, a Mórmone, e concluiu, consoante essa experiência, que a poliginia não era o que se impunha em tempo de guerra, nem mesmo sequer em tempo de paz.

Decidiu ela que as mulheres, graças ao seu número e também à liberdade que usufruíam em relação ao Estado, detinham doravante um poder que chegava a ultrapassar aquele que, outrora, parecia ser pertença do homem, tornado o escravo da nação.

Pensou que esse poder da mulher passaria a exercer-se como devia se esta se entregasse agora abertamente à poliandria; assim arranjou cinco amantes.

Elegeu um palhaço piemontês cujo fato multicolor e cuja maquilhagem a encantavam; um estudante que se destinava às letras, um mutilado de ambos os braços que se lhe dirigia à bruta e que a adorava, um aviador de reserva chamado Pentelemon (a quem escolhera por esse nome lhe recordar o da Pentelemonskaia onde, em Petrogrado, morara) e, finalmente, um torneiro de obuses, moço do Norte que sabia bonitas cantigas.

Atirou-se com ardor ao trabalho, pois prezava sobremaneira não estar a cargo de nenhum homem, e, como tinha sucesso, ganhava bem a vida.

Valia-se regiamente do poder que a guerra lhe auferira.

Mas nenhum dos seus amantes lhe ocupava o coração, que ela compartilhava com Mavise Bandarelle e Corail, a linda ruiva de olhos cor de avelã, que de aparência tanto lembrava uma gota de sangue sobre uma espada.

IX

Enquanto Elvira ia praticando um mormonismo às avessas, esforçando-se sempre por manter-se estéril, nesse tempo em que a defesa e a honra social deviam exigir às mulheres uma fecundidade especial, Anatólio de Saintariste só pensava em fundar uma religião.

Decepcionado com Corail, que passara a adornar o serralho de Elvira, Anatólio de Saintariste encarava o seu tempo, se não com desprezo, pelo menos com um misto de espanto e de severo horror.

As suas cogitações e o seu próprio temperamento levaram-no a imaginar uma religião de honra.

Saintariste morava na rua Delambre e uma noite em que Ovídio de Pont-Euxin o foi visitar, apressou-se a dizer-lhe:

«Veja em mim apenas uma espécie de monge, cuja vida, ou melhor, o que dela resta, será consagrada ao cumprimento da missão que me propus.

«Proponho-me fundar uma religião sem dogmas nem sacerdotes, cujo principal cuidado será a educação moral e física das crianças. Dir-me-á que é uma ideia que só a um soldado poderia ocorrer, com o que eu concordo plenamente. Fui soldado e a minha alma continua a ser uma alma de soldado. O renovo do pensamento religioso por toda a parte constatável não passa de um logro. Todas as religiões estão prestes a morrer, todas se tornaram extremamente vagas.

Superstições e crenças religiosas coincidem, hoje em dia, a tal ponto, que muito esperto será quem consiga traçar a linha exacta que as separa umas das outras, e isso no próprio seio de uma mesma religião.

«Vemos acontecer, nos nossos dias, o mesmo que se viu nos tempos do Império romano e no fim do paganismo: fiéis que observam os preceitos de uma religião, que a sustentam, a defendem e a honram sem nela crerem. Já todos, porém, se deram conta disso; o lugar comum que diz que o povo necessita de uma religião é literalmente verdadeiro mas o facto é que esse mesmo povo passou, sem que isso lhe traga mais felicidade, a examinar as várias crenças. E assim, é raro ver-se hoje uma fé que não seja calculista, e cada vez ela o será mais, ou passará então a aplicar-se apenas a crenças extremamente vagas, ou virá ainda, de repente, a cair na pior e mais disparatada das superstições. O antonismo belga, o rasputinismo e todos esses desvarios místicos dos Russos, para já não falar dos mil e um absurdos que nascem todos os dias nas cinco partes do mundo, são exemplos das imbecilidades que a alma popular pode gerar, de um momento para o outro, até mesmo num país tão policiado como é a França. Lembre-se do diácono Páris, para só falar do que não é contemporâneo. A religião da honra evitaria à humanidade alerta semelhantes extravios. Permite suprimir, antes de mais, as fábulas da expiação e da recompensa, que são as mais perigosas invenções criadas pelos fundadores da religião. A honra sempre foi uma espécie de superioridade rara reservada a certos homens. Esses homens encontram-se hoje na guerra e em mais lado nenhum. Haveria muito que dizer a este respeito, mas podemos afirmar que, praticamente, o sentimento da honra desapareceu da superfície da terra, salvo em alguns casos admiráveis e naqueles que, sem que isso os apouque, são fruto da necessidade, como é o caso da guerra.

«As religiões prometiam recompensas no outro mundo, os sociólogos prometem aos indivíduos a felicidade neste mundo. Pois há que banir tudo isto, para que os homens

passem doravante a encontrar a felicidade única e simplesmente em si próprios, mediante a satisfação do dever cumprido e da honra salvaguardada. Isso será possível mercê de uma educação isenta de fraquezas e de erros. O célebre Fox prometera a seu filho que o levaria a assistir à demolição de um muro. Havia que utilizar pólvora de canhão e a criança rejubilava por ver tal explosão. Ao saber que o muro fora deitado abaixo sem que a criança tivesse sido prevenida, mandou-o reconstruir e fê-lo ir pelos ares uma segunda vez, só para não faltar à palavra dada a seu filho. Aquele famoso orador possuía o sentido da honra e não desejava que, faltando à palavra dada a seu filho, este pudesse ficar com uma impressão deformada a seu respeito.

«Há que exaltar os mais belos rasgos de honra dos nossos tempos, citá-los como exemplos e não como excepções.»

O falso Ovídio de Pont-Euxin tomou a liberdade de lembrar ao Sr. de Saintariste que o Sr. Faguet acalentava uma ideia bastante semelhante à sua e que a tinha desenvolvido na sua **Moral da honra.**

«Moral, sim — respondeu Saintariste — mas não religião. Eu pretendo que o rito mais essencial seja o suicídio, o qual considero especialmente honroso e particularmente redentor. Que todo aquele que faltou à honra se mate e o faça com simplicidade e sem receios.

«Mas o quê? Ao fim de vários anos de guerra, as pessoas ainda mal se acostumaram à ideia da morte e de modo algum à de morrerem.

«É preciso que, doravante, cada qual tenha a sua honra: o bandido, o soldado, o parlamentar, o comerciante. O bandido tinha, outrora, a sua honra, que muito prezava; o criminoso de hoje é destituído de honra. A falência acarreta, hoje em dia, muito pouca desonra para um comerciante e raros são os falidos que se suicidam.»

«O suicídio — disse Ovídio — não é considerado como um delito ou um pecado?»

«É possível, mas que belo pecado esse a que a honra nos impele!»

E levando-o até à mesa onde escrevia, diante da janela, disse-lhe:

«Estou cansado de viver sozinho; conheci uma longa solidão longe das mulheres, no meio dos soldados. Elas deixaram de gostar de mim, eu para elas nada valho. Corail trocou-me por Elvira. Sim, por Elvira, que tem um harém de ambos os sexos. Essa linda ruiva de quem eu gostava merece bem, agora, a alcunha de "no man's land", que eu, se me dá licença, copiei do calão militar dos meus irmãos de armas, os Tommies. Acompanhe-me até junto dela; só então poderei saber o que a honra me aconselha, e se for necessário um mártir à religião da honra, eu quero sê-lo.»

Vestiu-se e foram os dois a casa de Corail, que os recebeu com frieza, enquanto ia fazendo um arranjo de rosas numa taça.

Eis o que Anatólio, esse poeta, lhe disse:

«Corail, volte para mim... Amo-a com se você fosse filha de Maghmer, rei de Espanha. Diz um poeta irlandês que não era obscura a sua família, e que ela havia desposado Eocaid, rei da Irlanda, filha de Duach. Mas que não faria você por mim, se eu fosse Hamurabi, o bom legislador? Que o céu os traga de novo até nós, talvez eles amem essa filha de Maghmer e esse rei Hamurabi.

«Mas páre de cheirar essas rosas. Ouça-me. Não valerão as palavras de um homem o cheiro das flores? Os seus olhos tremem como gin num copo erguido por um bêbedo. Vá lá, baixe as mãos, que são flores ruins. Aí tem as suas rosas infiéis a desfolharem-se lamentavelmente. Não ouve cantar? Talvez seja Lilith que assim exprime o seu desespero materno, como se outro desespero pudesse haver além de o de amar com real amor. Esse canto dá-lhe vontade de rir. Se eu estivesse à beira-mar, julgaria ser o canto do alcíon, que anuncia a morte a quem o ouve. Tapa os ouvidos, está bem, mas nós não nos encontramos à beira-mar. E se eu estivesse mais perto de si do que me recuso a imaginar, matá-la-ia mesmo sem esse canto alcioniano e matar-me-ia

em seguida, como se o alcíon tivesse cantado para nós ambos.

«Não me acredita. No entanto, todos os dias acontecem dramas como esse, e que bem que se fica depois. Separados ou unidos para toda a eternidade, o que vem a dar no mesmo. Que bem que se fica depois. Nunca mais se regressa, acredite, nunca mais. Eu, antigamente, ainda acreditava que havia quem voltasse. Mas era um erro. Você nunca viu nenhum morto. Vi um que era calvo como um habitante de Mícone, uma das Cíclades. Enterraram-no, mas, ao terceiro dia, soube-se que ele se levantava de noite para sugar o sangue de uma rapariga ou de uma mulher jovem. Você admira-se, mas o facto não é assim tão novo como isso; aqui há alguns séculos chegou mesmo a haver, na Hungria, grande número de vampiros. A este a que me refiro, acabaram os coveiros por desenterrá-lo e cortarem-lhe a cabeça. A partir daí ficou sossegado, mas eu devo acrescentar que nunca acreditei na sobrevivência desse homem calvo e acho que as raparigas descobriram esse meio para explicarem os chupões que os namorados lhes haviam dado.

«Anoitece, já não distingo as suas mãos nem a sua boca, mas tão-somente os seus olhos de álcool flamejante. Não passa de uma sombra e eu nem uma sombra sou. Você não me vê. Nem sequer me imagina. Estamos separados pelo mar. Esse mar por sobre o qual os alcíons cantam por vezes o seu canto de morte, esse mar que é traidor como você, excepto quando, no solstício de Inverno, essas mesmas aves fazem o ninho. Diga-me, não terá você dias desses, alcionianos, dos que acalmam o mar. De boa mente seria piloto, nesses dias.

«Queria conquistá-la. As cativas amam os seus conquistadores, mas eu andei suficiente tempo na guerra para poder acreditar na realidade das conquistas que, a meu ver, são impossíveis.»

E tendo beijado a mão de Corail, foi-se embora para sempre, sem que ela lhe tivesse dirigido uma só palavra. Já na rua, Ovídio de Point-Euxin despediu-se dele, depois de lhe

censurar o ter dirigido a Corail frases que, a ele, lhe pareciam extravagantes, e Saintariste voltou para casa, na rua Delambre.

Através do tabique, chegou-lhe a voz de Moisés Deléchelle e de Otto Mahner. Distinguiu palavras como obus, explosão, pirotécnico, expedições à América e ouviu distintamente Deléchelle dizer: «Já aqui está há demasiado tempo. Vou-me desembaraçar dele hoje mesmo, tanto pior para quem o fizer explodir.»

E Saintariste pensou: «Esta gente sempre me pareceu suspeita. São espiões que projectam fazer ir pelos ares algum edifício de interesse para a defesa nacional.»

E pôs-se à escuta com maior atenção ainda. Moisés Deléchelle continuava: «Vou proceder da mesma maneira como quando o introduzi em Paris. Comprei um pão de quatro libras, tirei-lhe o miolo e meti lá dentro o obus escorvado... e agora, que Deus me proteja.»

«Ignóbil indivíduo — pensou Saintariste. — Tantas precauções para introduzir essa bomba em casa e outras tantas para a tirar de lá, mostram bem quais são os abomináveis projectos desse bandido. É ponto de honra impedi-lo de cometer tal crime.» Saintariste tornou a agarrar no chapéu e no revólver e desceu à rua, à espera que Moisés Deléchelle saísse, o qual não tardou a aparecer sozinho, sobraçando o pão de quatro libras a que acabava de referir-se.

Moisés Deléchelle dirigiu-se para o viaduto da gare de Montparnasse, onde poisou o pão de quatro libras. Foi nesse preciso momento que Saintariste saltou sobre ele, aos berros:

«Vil espião que vais fazer o viaduto ir pelos ares!»

Moisés Deléchelle debateu-se, mas Saintariste, para o conseguir dominar, ali, naquelas paragens onde nenhum auxílio lhe adviria, pois não se via qualquer transeunte, deitou-o ao chão e bateu-lhe com toda a força, ao mesmo tempo que, a cada pancada, um som estranhamente musical se desprendia do corpo de Moisés Deléchelle.

Este, ao debater-se, tocara no revólver armado que se encontrava no bolso de Saintariste e, usando de manha, fez

os possíveis por se apoderar dele; tendo-o conseguido, disparou uma bala sobre Saintariste que, ferido de morte, ainda pôde contudo agarrar-lhe no pulso, arrancar-lhe a arma e disparar-lhe dois tiros na cabeça. Posto o que expirou sobre o cadáver de Moisés Deléchelle.

Entretanto dizia Otto Mahner a Egon d'Afenheimer que viera visitá-lo:

«Aquele idiota do Deléchelle acaba de sair com o seu obus metido dentro de um pão de quatro libras. Andava mais morto que vivo, o receio de ver o engenho explodir dava-lhe cabo da vida. Vai atirá-lo para um canto e amanhã todos falarão em atentado de um Boche. Enquanto isto, nós comunicamos autênticas e interessantes informações ao nosso querido Heinzemann de Zurique; mas a nossa prudência e a nossa bonomia colocam-nos ao abrigo de toda e qualquer suspeita.»

No dia seguinte de manhã foram encontrados dois cadáveres ainda enlaçados, junto de um pão de quatro libras que continha um obus de 77.

E quando teve conhecimento da morte de Saintariste, disse Corail para Elvira:

«Eu bem sabia que ele ia morrer, porque ontem dirigiu-me palavras que mais pareciam vir do outro mundo e não de um homem em pleno gozo da vida.»

Passava-se isto no 'atelier' de Elvira. Nicolau Varinoff encontrava-se presente, bem como o aviador Pentelemon, o palhaço e o estudante que se destinava a Letras.

Elvira tomava assento diante do cavalete e Nicolau lembrou-se sem querer da Mulher Sentada, essa moeda helvética que, quando ele era criança, se devia evitar aceitar. «Elvira — pensou ele —, existirá sempre. Ela é, em extremo grau, igual a todas as mulheres.»

Tal como a mulher sentada da moeda suíça de cinco francos, elas são falsas e não prestam.

É «mulher sentada» no tempo dos «homens de pé».

Elvira pensava, alternadamente, nos duráveis prazeres da fraqueza e nas vantagens da falsidade.

NOVAS DIRECÇÕES

PUBLICADOS:

1 — BAAL BABILÓNIA/ARRABAL
2 — OS PASSOS EM VOLTA/HERBERTO HELDER
3 — Z/VASSILIS VASSILIKOS
4 — TODOS OS FOGOS O FOGO/CORTÁZAR
5 — IDADE DE HOMEM/MICHEL LEIRIS
6 — EXERCÍCIOS DE ESTILO/LUIZ PACHECO
7 — LITERATURA COMESTÍVEL/LUIZ PACHECO
8 — PESADELO CLIMATIZADO/HENRY MILLER
9 — O AMOR LOUCO/ANDRÉ BRETON
10 — MEMÓRIA/ÁLVARO GUERRA
11 — SETEMBRO DE 1971/ALONSO FÉRIA
12 — NADJA/ANDRÉ BRETON
13 — ANTOLOGIA DOS MODERNOS FICCIONISTAS CUBANOS
14 — CONTOS DO GIN-TONIC/MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
15 — O OLHO COSMOLÓGICO/HENRY MILLER
16 — RELÓGIO DE CUCO/VIRGÍLIO MARTINHO
17 — HISTÓRIAS DE CRONÓPIOS E DE FAMAS/CORTÁZAR
18 — O CAPITÃO NEMO E EU/ÁLVARO GUERRA
19 — O BAILE DO CONDE DE ORGEL/RAYMOND RADIGUET
20 — FEITIÇARIA/MIKHAÏL BOULGAKOV
21 — NOVOS CONTOS DO GIN/MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA
22 — O COPO DOS DADOS/MAX JACOB
23 — PACHECO VERSUS CESARINY/LUIZ PACHECO
24 — A MULHER SENTADA/GUILLAUME APOLLINAIRE